

AMPLA

UNIMED MARCA PRESENÇA NA MARATONA INTERNACIONAL DO PARANÁ, ETAPA GUARATUBA

TECNOLOGIA

Por que a IA virou refúgio emocional em um mundo exausto e quais são os riscos dessa troca silenciosa?

LIDERANÇA

Como tornar o papel da liderança menos solitário e com mais conexão

ESPECIAL

Afinal, estamos mais ou menos ativos? Saiba como anda o estilo de vida da população, principal fator contra doenças crônicas

REVISTA
DO SISTEMA
UNIMED DO
ESTADO DO
PARANÁ

#81
ANO 20
ABR-JUN
2026

UniAir

Quando cada minuto importa, nós voamos por você.

CONTATO:

0800 519 5190

INSTAGRAM:

@VOEUNIAIR

E-MAIL:

COMERCIAL@UNIAIR.COM.BR



Conselho Editorial

DIRETORIA EXECUTIVA

Diretor-presidente:

Dr. Alexandre Gustavo Bley

Diretor de Saúde:

Dr. Faustino Garcia Alferez

Diretor Administrativo e Financeiro:

Dr. Antônio Carlos Valezi

Diretor de Inovação e Desenvolvimento:

Dr. Antônio Carlos de Farias

Diretor de Mercado e Intercâmbio:

Dr. Durval Francisco dos Santos Filho

CONSELHEIROS REGIONAIS

Região 1: **Dr. Pedro Moyses Soares Jacintho** (Ponta Grossa)

Região 2: **Dr. Ribamar Leonildo Maroneze** (Apucarana)

Região 3: **Dr. Antonio Carlos Cardoso** (Campo Mourão)

Região 4: **Dr. Luiz Sérgio Fettback** (Cascavel)

COORDENAÇÃO EDITORIAL:

Jossânia Veloso – Assessora de imprensa (DRT 2321/PR)

Expediente

PSG EDITORA:

Pedro Salanek Filho e **Giovanna de Paula** (Gestão),

Adriana Vieira, Karina Kanashiro, Talissa

Monteiro e **Thaís Mocelin** (Reportagens)

DIORAMA ESTÚDIO:

Bruna Corso (Direção de Arte e Diagramação)

Lucas Giuliano (Diagramação)

UNIMED PARANÁ:

Jossânia Veloso, Louise Fiala, Lana Martins e Emanuelle Spack (Matérias), **Fabiano Pereira, Gestão de Comunicação e Marketing** e **assessorias das UnimedS Singulares** (Colaboração). Capa:

Unimed PR. Fotografias: **Banco de Imagens e Unimed PR.**

Impressão: **Tuicial Indústria Gráfica – 11.000**

ISSN 2237-2067 n. 81 (2026)

Imagem de capa: Maratona Internacional do Paraná

Sugestões e críticas:

assessoriaimprensa@unimedpr.coop.br



Unimed do Estado do Paraná
Rua Antonio Camilo, 283 | Curitiba | PR
CEP 82530-450 | Tel.: (41) 3219-1488
E-mail: imprensapr@unimedpr.coop.br
www.unimed.coop.br/parana

ANS - n.º 312720

Confira o site da
Revista Ampla



O ESTILO DE VIDA COMO FOCO

O segundo trimestre de 2026 foi marcado, no Paraná, pela inauguração da tão esperada Ponte da Vitória – construção que liga os municípios de Guaratuba e Matinhos. Reforçando o nosso compromisso com o bem-estar, o Sistema Unimed Paranaense foi um dos patrocinadores da Maratona Internacional do Paraná – Etapa Guaratuba, levando o mote Mude o Hábito aos mais de 20 mil participantes. A edição de número de 81 da Revista Ampla aborda como foi o evento, a presença da marca Unimed e a importância de atuar como promotora de saúde.

Nessa linha, a publicação traz uma matéria especial sobre o impacto do estilo de vida na redução ou até mesmo mitigação de doenças crônicas, com destaque para a nova funcionalidade no aplicativo da Unimed, que atua como um método moderno de gerenciamento da jornada de saúde do beneficiário Unimed. Você também confere como está a organização do Sistema em prol de uma nova política de remuneração aos médicos-cooperados, que tem como foco o equilíbrio entre qualidade assistencial, remuneração justa e sustentabilidade do Sistema.

Já a editoria de Especialidade aborda as mudanças de cenário do mercado de saúde no Brasil, e como estar preparado para os próximos anos.

No Check-up, você confere os destaques das UnimedS Curitiba, Apucarana, Campo Mourão, Oeste do Paraná. Uma ótima leitura!



Dr. Alexandre Gustavo Bley

Diretor-presidente

Confira nosso site e sua revista on-line em:

www.revistaampla.com.br

Acesse, também, nosso LinkedIn:

www.linkedin.com/in/revista-ampla/

Editorial 03

Hobbies e Manias 05

Entre plantões e maratonas, médico de Pato Branco faz da corrida de rua um estilo de vida em família

Cooperado 08

Políticas para a Valorização da Remuneração Médica: Unimed Paraná avança em modelo colaborativo que conecta qualidade assistencial e sustentabilidade do Sistema

Tecnologia 10

Por que a IA virou refúgio emocional em um mundo exausto e quais são os riscos dessa troca silenciosa?

Consulta 14

Conheça as principais formas como a Faculdade Unimed apoia as cooperativas e os médicos cooperados

17



Capa

Unimed Marca presença na Maratona Internacional do Paraná, Etapa Guaratuba

24 Liderança

Como tornar o papel da liderança menos solitário e com mais conexão

26



Especial

Afinal, estamos mais ou menos ativos? Saiba como anda o estilo de vida da população, principal fator contra doenças crônicas

30 Prevenir

A judicialização de medicamentos de altíssimo custo ameaça a sustentabilidade do SUS e da saúde suplementar. Veja os desafios

34 Especialidade

Saúde sob pressão: custos crescentes, regulação intensa e um sistema em transformação. O que operadoras e prestadores precisam fazer agora

36 Check-up

36 CURITIBA

37 APUCARANA

38 CAMPO MOURÃO

39 OESTE DO PR

40 Almanaque

42 Artigo

Dr. Durval Francisco dos Santos Filho

NOS TRAJETOS DA VIDA: A CORRIDA COMO EXERCÍCIO DE SAÚDE E DE PRESENÇA

Médico de Pato Branco corre para cuidar de si e inspira quem está ao redor

THAÍS MOCELIN



Entre pontos turísticos de sua própria cidade e até de outros países, o médico William Holderied aproveita a corrida de rua como uma maneira de cuidar de si e também de passear com a família. Na foto, sua participação na 12ª Meia Maratona das Cataratas, em Foz do Iguaçu, em 2019

O QUE VOCÊ VAI LER

Entre plantões e a rotina intensa na medicina de urgência e emergência, médico da Unimed Pato Branco encontrou na corrida de rua uma forma de equilíbrio, transformação e conexão com a família.

Há quem corra para chegar. Há quem corra para escapar. E há quem tenha encontrado na corrida de rua uma forma de permanecer: presente, inteiro, em movimento. É o caso do médico **William Holderied**, da Unimed Pato Branco.

Formado em Medicina pela Universidade Federal de Santa Catarina, especialista em Clínica Médica, Medicina Intensiva e Medicina de Urgência, Holderied aprendeu cedo que a vida raramente desacelera no ritmo desejado. Plantões em UTI, atendimentos de emergência, decisões tomadas em segundos no SAMU do Sudoeste do Paraná, onde atua como diretor técnico desde 2017, compõem uma rotina em que o tempo é sempre curto e a precisão é essencial.

Foi nesse cenário de alta pressão que a corrida surgiu, em 2016, inicialmente como uma tentativa de cuidado consigo mesmo. Um gesto simples, quase discreto, de reorganizar o fôlego. O que começou como estratégia de saúde e bem-estar logo se transformou em algo maior, uma forma de existência.

“Realizo atividades físicas desde a época escolar, jogando principalmente futebol de campo, futsal e basquetebol. O esporte sempre fez parte da minha vida, pratiquei na academia (fortalecimento), tênis, natação, ciclismo *mountain bike* (MTB) e até xadrez (fui campeão municipal em minha cidade natal, aos 14 anos de idade). E nenhum esporte me apaixonou tanto como a corrida de rua”, conta.

A virada simbólica veio em setembro de 2019. Aos 39 anos, tornou-se maratonista em Buenos Aires, na Argentina. A prova não foi apenas uma distância vencida, foi a confirmação de que o hobby tinha vindo para ficar. “Nada mudou tanto como a maratona. Correr 42,195 km foi absolutamente incrível, emocionante. Foi um marco pessoal. Uma vitória”, recorda.

A partir dali, a corrida passou a ser rotina, inclusive com orientação de educadores físicos e planejamento de treinos. Hoje, são cinco a seis treinos por semana, muitas vezes encaixados entre plantões, após longas jornadas na emergência. Soma-se a isso a academia, o pilates e um cuidado crescente com a nutrição.

Nos números, a trajetória impressiona: **cinco maratonas concluídas** (Buenos Aires, Chicago, Berlim e duas em Porto Alegre), **18 meias-maratonas** e **20.350 quilômetros** percorridos ao longo de uma década. São também mais de 2.300 atividades registradas.

Talvez o dado mais significativo não esteja nos indicadores quantificáveis. Está na transformação do cotidiano. A corrida, para Holderied, não é apenas performance, é também encontro. Com o tempo, com o corpo, com a família.

“Hoje, agrego a corrida de rua com turismo junto a minha família. Conheci muitos lugares no Paraná, no Brasil e no mundo”, conta o médico. Para ele, esse hobby traz esporte, saúde, bem-estar, amizade, lazer e cultura.



William Holderied na 49ª edição da Maratona de Berlim, em 2023.

“*Hoje, agrego a corrida de rua com turismo junto à minha família. Conheci muitos lugares no Paraná, no Brasil e no mundo*”

William Holderied



Premiação da Corrida 4 Milhas Unimed Pato Branco, em 2026, com Holderied em primeiro lugar na categoria Cooperados

“Fui inspirado por amigos corredores e professores de Educação Física. Inspirei minha esposa Juliana a correr, e ela se tornou uma excelente corredora de rua, competindo em várias provas, com muito destaque. E hoje ela é a minha maior inspiração, junto com as minhas filhas”, revela o médico de Pato Branco

Além da esposa, ele conta que também incentivou o irmão mais novo a fazer a primeira maratona dele, em 2025, aos 42 anos. Na ocasião, correram juntos em Porto Alegre.

Há ainda o impacto que ultrapassa o núcleo familiar. Holderied reconhece que também se tornou referência para outros: “Estou entre os melhores corredores na minha categoria de idade em minha cidade e região, e acredito que isso inspire muitas pessoas, amigos e pacientes a praticarem o esporte e mudarem para um hábito saudável de vida.”



Teatro Paiol como parte da vista do percurso, durante corrida de rua realizada em Curitiba

“
 (...) acredito que isso inspire
 muitas pessoas, amigos e
 pacientes a praticarem o
 esporte e mudarem para
 um hábito saudável de vida

William Holderied

Em 2019, essa relação com o esporte ganhou também um alcance maior. Ao lado de outros dois médicos maratonistas, o cooperado participou da idealização da **Corrida 4 Milhas Unimed Pato Branco**, que passou a integrar o calendário esportivo da região. “Sucesso total, a cada ano com mais corredores participando”, celebra Holderied.

Em março de 2026, a iniciativa chegou à sexta edição, com o slogan “Aqui sua saúde é hexa”. E incluiu a 2ª edição da Corrida Kids. Um projeto que nasceu do gesto individual e encontrou desdobramento comunitário.

Entre urgências e distâncias, Holderied parece ter encontrado na corrida uma forma de pausar e de cuidar de si e também dos outros. No fim, talvez correr seja isso: um modo de seguir em frente sem perder o que importa pelo caminho.

VALORIZAÇÃO DA REMUNERAÇÃO MÉDICA: MODELO COLABORATIVO CONECTA QUALIDADE E SUSTENTABILIDADE

Unimed Paraná aposta em modelo baseado em valor para equilibrar sustentabilidade, qualidade assistencial e valorização do cooperado

THAÍS MOCELIN

O QUE VOCÊ VAI LER

Nova política de remuneração dos cooperados está sendo construída com participação das Singulares e mira no fortalecimento da valorização médica na Unimed Paraná.

O conceito de valor em saúde não é mais uma discussão restrita a especialistas ou a grandes centros de inovação em gestão hospitalar. Ele está cada vez mais presente no cotidiano de quem vive a assistência na prática: médicos, pacientes e gestores. Em sua essência, o *Value-Based Healthcare* (VBHC) parte de uma pergunta simples: o cuidado em saúde está gerando os melhores resultados possíveis para o paciente, com segurança, qualidade e uso adequado de recursos?

Atualmente, o modelo predominante na saúde suplementar ainda é o *fee for service*, em que a remuneração do médico está diretamente ligada ao volume de procedimentos realizados. Como contraponto, cresce a adoção de modelos de remuneração baseados em valor, que passam a considerar não apenas a quantidade, mas principalmente a qualidade do cuidado e os desfechos alcançados. Conforme **Willian Stocco**, superintendente de Serviços às Singulares da Unimed Paraná, essa preocupação também permeia as discussões dentro do Sistema Unimed paranaense, com foco principal no equilíbrio entre qualidade assistencial, remuneração justa e sustentabilidade do Sistema.

Nesse contexto, buscando assegurar a base para a valorização da remuneração médica e a partir dela evoluir para novos modelos de remuneração, a Federação e

Singulares debateram e estruturaram um conjunto de ações para contribuir com o fortalecimento da remuneração médica dos cooperados no estado. Essas ações estão fundamentadas em um ponto central: a incorporação da remuneração do cooperado no planejamento orçamentário das cooperativas. Assim, a discussão sobre remuneração deixa de ser pontual e passa a integrar o planejamento estratégico.



Willian Stocco ressalta que o engajamento do cooperado é fundamental para o sucesso da nova política de remuneração

“**Esse equilíbrio pode ser buscado tendo como norte a saúde baseada em valor. Adotando as melhores práticas assistenciais, com foco em resultados para o paciente, sua experiência e eficiência de custos**”

Willian Stocco

A nova política não define reajustes automáticos, mas propõe uma mudança estrutural na forma como a remuneração é discutida e planejada. E cada Singular mantém autonomia para suas decisões.

“A implementação das ações implica em avaliação por parte de cada uma das Singulares. A decisão sobre a remuneração dos seus cooperados pertence à cooperativa. E ela está atrelada às condições econômico-financeiras da cooperativa”, explica Stocco.

O desafio, no entanto, é complexo. A incorporação de novas tecnologias, a judicialização da saúde e o desperdício de recursos assistenciais estão entre os principais fatores que pressionam o sistema de saúde e tornam a discussão ainda mais urgente.

Nesse cenário, o engajamento dos cooperados torna-se peça-chave. “O cooperado pode contribuir

significativamente para esse resultado aliando as melhores práticas da sua área de atuação com a racionalização de recursos despendidos com exames, terapias e outros insumos”, destaca Stocco.

Além disso, o cooperado também assume papel ativo na construção de soluções, de várias maneiras, conforme exemplifica o superintendente de Serviços às Singulares: “participando do dia a dia da cooperativa, acompanhando resultados, contribuindo nas discussões, atuando em linha com protocolos de boas práticas assistenciais e proporcionando acolhimento aos clientes”, reforça.

Projeto-piloto já aponta resultados

A transição para modelos baseados em valor já começou a sair do campo conceitual e ganhar forma prática no Paraná. Um dos exemplos é o projeto-piloto de remuneração baseada em valor na linha de cuidado do parto, desenvolvido no Hospital da APMI, em União da Vitória. A iniciativa, que teve início em 2021, envolve cooperados de diferentes especialidades e estabelece indicadores clínicos como base para avaliação de desempenho, incluindo taxas de cesáreas, mortalidade materna e neonatal, tempo de internação e necessidade de UTI. Com os primeiros resultados positivos, o projeto evoluiu para incluir bonificação hospitalar, algo inédito no Sistema estadual, reforçando a lógica de corresponsabilidade entre médicos e instituições.

Em suma, a política de remuneração baseada em valor não se limita a um ajuste de modelo econômico. Ela propõe uma mudança cultural no relacionamento entre cooperativa, médico e paciente. Ao integrar planejamento, governança e prática assistencial, a nova política busca consolidar um modelo em que remuneração e qualidade caminhem juntas, não como forças opostas, mas como partes de um mesmo sistema.

Quer saber quais são os principais tópicos que estão sendo discutidos sobre esse tema, tanto no segmento de gestão quanto no segmento de apoio? Aponte o celular para o QR code e acesse o documento “**Políticas para a Valorização da Remuneração Médica**”, que reúne recomendações construídas de modo colaborativo e estratégico com participação de todas as Singulares do estado e a Federação.



POR QUE A IA VIROU REFÚGIO EMOCIONAL EM UM MUNDO EXAUSTO E QUAIS SÃO OS RISCOS DESSA TROCA SILENCIOSA?

KARINA KANASHIRO

O QUE VOCÊ VAI LER

Sempre disponível, sem custo e sem julgamento, a inteligência artificial passou a ocupar o espaço do cuidado emocional para milhões de pessoas. Chatbots viraram conselheiros afetivos, mas é preciso observar os limites éticos dessa prática e os riscos de confundir apoio tecnológico com tratamento em saúde mental.

Disponível a qualquer hora, sem fila de espera, sem custo financeiro elevado e sem o risco de julgamento. Em poucos cliques, a inteligência artificial oferece escuta, acolhimento e respostas rápidas para quem sofre. Em um mundo cansado, solitário e impaciente, a promessa soa quase perfeita — e explica por que cada vez mais pessoas têm recorrido à inteligência artificial como substituta de psiquiatras e psicólogos.

Em 2025, o aconselhamento terapêutico e a busca por companhia emocional se tornaram o principal motivo de uso de ferramentas de IA, segundo levantamento da *Harvard Business Review*. Mais do que uma curiosidade tecnológica, o fenômeno revela algo profundo sobre a sociedade contemporânea: solidão, imediatismo e dificuldade de sustentar vínculos. Para milhões de pessoas, a inteligência artificial passou a ocupar um espaço delicado: o do cuidado emocional.

A crise do cuidado e a sedução do imediato

A decisão de procurar apoio emocional em uma máquina não nasce do nada. Ela é resultado de um cenário conhecido: consultas caras, longas filas no sistema público, escassez de profissionais em algumas regiões e um estigma que ainda faz da saúde mental um tema difícil de assumir. A isso se soma um traço cultural dominante: a expectativa de soluções rápidas. A psiquiatra **Giovana Pellissari** observa que os *chatbots* se encaixam perfeitamente nesse imaginário. Para ela, a popularidade dessas ferramentas não é acidental, mas sintomática.



A psiquiatra Giovana Pellissari alerta: a IA pode orientar e quebrar estigmas, mas não deve ocupar o lugar central do cuidado em saúde mental

“Os modelos de IA correspondem muito às expectativas do nosso tempo: ter alguém disponível a qualquer momento, poder levar o terapeuta no bolso, acessar de qualquer lugar, sem precisar se deslocar ou entrar numa relação terapêutica, que é, por definição, mais difícil de se construir do que conversar com um chatbot”, afirma.

Pesquisa do Talk Digital aponta que uma em cada dez pessoas já usa *chatbots* como amigo ou conselheiro emocional. Em um cotidiano marcado por relações frágeis e pouco tempo para escutar — ou ser escutado —, a promessa de atenção constante ganha força.

Empatia que soa real, mas não é

A sensação de acolhimento oferecida pela inteligência artificial não vem de compreensão humana, e sim de engenharia linguística. Os sistemas são treinados para identificar padrões associados à dor emocional e responder de forma coerente, fluida e empática — ao menos na superfície.

Esses sistemas funcionam prevendo a próxima palavra com base em gigantescos bancos de dados. Eles simulam escuta, acolhimento e interesse — sem compreender, de fato, o sofrimento apresentado.

“Eles conseguem captar o tom e a intenção da mensagem, mas não raciocinam clinicamente. Ajustam respostas com base em padrões, não em compreensão”, explica **Victor Hugo de Albuquerque**, professor da Universidade Federal do Ceará, em entrevista à Agência Brasil em 2025.

A fluidez da linguagem, no entanto, tende a enganar, uma vez que as respostas bem escritas soam automaticamente confiáveis.



Murilo Karasinski, pesquisador em bioética e IA aplicada à saúde, defende limites claros para que a tecnologia amplie o acesso sem causar danos

Para o pesquisador **Murilo Karasinski**, pós-doutor em bioética e especialista em IA aplicada à saúde, essa confiança não pode ser explicada apenas pela sofisticação tecnológica. Ela é, sobretudo, cultural.

A IA entrega aquilo que o presente valoriza: disponibilidade total, previsibilidade e controle. Ela não confronta, não frustra e não exige negociação emocional — elementos inevitáveis nas relações humanas.

“A inteligência artificial começa a ocupar um espaço real de apoio no cuidado emocional. Pode orientar, sugerir estratégias simples de regulação emocional e ajudar pessoas a dar o primeiro passo na busca por ajuda”, explica.

Esse papel, segundo ele, pode ter valor social em um contexto de escassez de profissionais e altos custos. O problema surge quando essa função de apoio passa a ser confundida com tratamento.

“A IA não possui experiência humana, sensibilidade clínica ou responsabilidade profissional. Ela organiza padrões de linguagem e produz respostas plausíveis com base em dados”, defende.

Sob a ótica da bioética, o avanço dessas ferramentas impõe uma tensão clara entre o bem e o mal.

“De um lado, a beneficência, que aponta para o potencial de ampliar o acesso à informação e ao cuidado. De outro, a não maleficência, que lembra que tecnologias com aparência de escuta terapêutica podem gerar respostas inadequadas se forem usadas como substitutas do acompanhamento profissional”, comenta.

Karasinski chama atenção para o fato de que tecnologias com aparência de escuta terapêutica podem causar danos se forem utilizadas como substitutas do acompanhamento profissional. A questão ética central não é barrar a inovação, mas estabelecer limites claros.

A transparência entra aí como requisito fundamental. O usuário precisa saber que está interagindo com um sistema automatizado — e não com um profissional de saúde —, além de compreender os limites da ferramenta e os riscos envolvidos.

O pesquisador destaca que os usuários precisam ser informados sobre quais dados são coletados, como são armazenados, se podem ser usados para treinamento de sistemas e quem tem acesso a eles.

No Brasil, o crescimento do uso terapêutico — ou pseudoterapêutico — da IA já mobilizou o Conselho Federal de Psicologia (CFP). A conselheira **Maria Carolina Roseiro** contou, em entrevista à Agência Brasil no ano passado, que as consultas sobre o tema chegam praticamente toda semana.

“Recebemos dúvidas tanto sobre ferramentas criadas com essa proposta quanto sobre tecnologias que não foram desenvolvidas para isso, mas que os usuários passam a utilizar como terapia”, afirmou na reportagem.

Diante do cenário, o CFP criou um grupo de trabalho para discutir regulamentação, critérios técnicos e limites éticos. O órgão também prepara orientações públicas alertando sobre os riscos de confiar o bem-estar emocional a tecnologias que não são legalmente responsáveis por suas respostas.

“Um profissional da psicologia é legalmente responsabilizável. Uma tecnologia não é. E, se não foi criada para fins terapêuticos, está ainda mais sujeita a erros e indução ao risco”, alertou a conselheira.

Especialistas não negam que a inteligência artificial possa ter um papel auxiliar legítimo. Para a psiquiatra **Giovana Pellissari**, o uso responsável passa por reconhecer onde a IA é ferramenta — e onde se torna risco.

“A IA pode ser muito útil na triagem e na psicoeducação. Ela ajuda a quebrar o estigma, explica sintomas, orienta e pode funcionar como uma ponte para o atendimento médico”, afirma.

Ela relata, inclusive, um caso clínico em que uma paciente procurou ajuda após a IA sugerir que seus sintomas poderiam estar ligados à depressão — algo que a própria paciente normalizava.

A psiquiatra ressalta que o uso responsável passa pelo reconhecimento desses limites.

“A IA pode ajudar a quebrar o estigma, explicar sintomas, orientar e até levar alguém a procurar ajuda médica. O risco está em ocupar o lugar central do cuidado, especialmente em casos graves”, reforça.

Estudos recentes sustentam essa cautela: apenas 23% das ferramentas de IA usadas em saúde mental passaram por ensaios clínicos randomizados.

O vínculo continua insubstituível

No fim das contas, o consenso entre psicólogos, psiquiatras e pesquisadores é claro: não existe cuidado em saúde mental sem vínculo.

“O sintoma não é um *checkbox*. Uma mesma palavra pode significar coisas completamente diferentes dependendo do paciente. Sem vínculo e escuta qualificada, isso se perde”, diz Giovana.

A inteligência artificial não percebe silêncio, postura, contradição ou ambivalência — elementos centrais do cuidado clínico.

A IA pode ser apoio. Pode ser ponte. Pode ser ferramenta. **Mas não é terapeuta.**



A busca por apoio emocional em plataformas digitais cresce diante da solidão e do acesso limitado a atendimento profissional

QUANDO O 'TERAPEUTA' ERRA — E O CUSTO É ALTO

Quando a inteligência artificial ocupa o lugar do cuidado terapêutico, o risco deixa de ser teórico. Os riscos da substituição de especialistas em saúde mental por IA ficaram evidentes em casos extremos. Em 2024, o adolescente norte-americano **Sewell Setzer** tirou a própria vida após meses de interação com um *chatbot* do aplicativo Character.AI. Sua mãe, **Megan Garcia**, relatou que o filho desenvolveu uma dependência emocional progressiva, passou a se isolar socialmente e a preferir a relação virtual à vida real.

Casos semelhantes vieram à tona em reportagens internacionais: uma jovem ucraniana, com histórico de sofrimento psíquico, recebeu orientações explícitas sobre suicídio; uma adolescente americana morreu após interações prolongadas com um *bot* que simulava vínculo emocional inadequado. Os episódios resultaram em processos judiciais envolvendo as empresas de tecnologia responsáveis.



Uso crescente de IA no apoio à saúde mental levanta debate sobre limites, ética e o papel insubstituível dos profissionais humanos no cuidado emocional

POR QUE A IA PARECE ENTENDER, MAS NÃO ENTENDE?

Do ponto de vista técnico, os modelos de linguagem funcionam prevendo qual sequência de palavras tem maior probabilidade de formar uma resposta coerente em determinado contexto.

“Isso significa que a IA não compreende o sofrimento humano nem interpreta experiências da mesma forma que um profissional da saúde”, explica o professor **Murilo Karasinski**.

Ainda assim, suas respostas podem soar acolhedoras e bem construídas. Essa fluidez, segundo ele, é justamente o que gera risco.

“Uma resposta pode soar empática e bem estruturada, mas ainda assim não ser adequada para determinada situação clínica”, afirma.

Em saúde mental, o contexto individual é decisivo — e não pode ser reduzido a padrões estatísticos. A linguagem pode transmitir segurança, mesmo quando

o sistema opera apenas com probabilidades, não com julgamento clínico.

Para Karasinski, esse efeito se intensifica porque os sistemas foram desenhados para simular diálogo humano.

“Eles utilizam expressões de acolhimento, continuidade temática e referências ao que foi dito anteriormente”, explica.

Esse formato cria a sensação de presença e favorece a antropomorfização — a tendência humana de atribuir intenções e emoções a sistemas automatizados.

“Quando o sistema utiliza frases que sugerem compreensão emocional, muitos usuários passam a interpretar a interação como se houvesse empatia real do outro lado da conversa.”

O risco, alerta, é duplo: expectativas irreais de cuidado e a formação de vínculos emocionais com sistemas que não têm capacidade de compreender plenamente a situação do usuário nem responsabilidade pelas consequências de suas respostas.

FACULDADE UNIMED E O ELO ENTRE COOPERATIVISMO E EDUCAÇÃO

A instituição garante a formação continuada dos cooperados em áreas diversas, além de prestar consultorias e apoiar em processos seletivos

ADRIANA VIEIRA

O QUE VOCÊ VAI LER

Ancorado nos princípios do cooperativismo, a Unimed tem na educação um eixo estratégico para fortalecer a autonomia e a atuação do médico cooperado. Por meio da Faculdade Unimed, o Sistema oferece cursos de formação, atualização profissional e programas de pós-graduação, além de apoiar processos seletivos cada vez mais adotados pelas cooperativas como modelo isonômico e juridicamente seguro de admissão. A atuação inclui ainda a realização de pesquisas obrigatórias de satisfação e de qualificação da rede assistencial, garantindo escala, padronização e suporte técnico às cooperativas diante das exigências regulatórias e da crescente complexidade da gestão em saúde.

O cooperativismo do Sistema Unimed é apontado como pilar de dignidade do trabalho médico, ao garantir autonomia profissional aliada à ciência, à ética, à legislação e à gestão responsável de recursos. A avaliação é de **Ricardo Moreira**, autor de *Conhecendo a Unimed*, obra que integra o conjunto de materiais educativos do Sistema e recentemente reeditada em formato ebook. Esse trabalho interno de educar é hoje estruturado pela Faculdade Unimed, instituição de atuação nacional que oferece desde cursos de formação e atualização até apoio aos processos seletivos que viabilizam a entrada equilibrada de médicos nas cooperativas.

É fato que o médico não aprende a ser cooperativista na faculdade de Medicina. Assim, como explica **Fábio Gastal**, diretor acadêmico da Faculdade Unimed, o primeiro desafio em apoiar a educação dos sócios passa por explicar os princípios do cooperativismo para um universo de 120 mil médicos: “É fundamental o médico entender que ele, mais do que um simples prestador de serviço para um plano de saúde, está fazendo um projeto de carreira em uma instituição que é dele”, afirma.

A educação é um dos pilares do cooperativismo de modo geral. No caso de uma cooperativa médica, como a Unimed, esse princípio ganha ainda mais relevância, visto



Fábio Gastal: capacitação médica em gestão

que nesse cenário o médico pode acumular múltiplos papéis: profissional de saúde, cooperado e, muitas vezes, gestor. “O médico não tem uma formação na carreira médica nessa área de gestão. Muitos médicos cooperados podem ter um papel como diretor ou gestor e, muitas vezes, estão despreparados. Então, grande parte do nosso portfólio de cursos está ligada a essa questão da gestão de cooperativas, da gestão empresarial na saúde, ou seja, a todos esses desafios de capacitar o médico cooperado a assumir com qualidade, com qualificação a sua atividade como dirigente”, pontua Gastal.

Outro tipo de curso bastante presente no portfólio da instituição são aqueles que certificam o médico em atribuições bastante específicas, como por exemplo para cuidados com o paciente com trauma ou paciente com risco cardíaco agudo, como explica o diretor acadêmico: “São certificações de sociedades internacionais e nacionais de cardiologia, traumatologia, etc. Muitas vezes, eles (os médicos) têm a especialização, mas precisam ter esses certificados de competência ou de proficiência específica em determinadas habilidades, que são metodologias padronizadas, e nós temos professores capacitados, temos kits, temos toda a estrutura que permite que o médico se atualize e se re-certifique.”

Já no site da Faculdade, chama a atenção um curso sobre um tema de grande relevância, atualmente: Inteligência Artificial. A respeito disso, o diretor acadêmico explica que o conteúdo serve como uma espécie de degustação para outros, mais completos e específicos: “Ofertamos conteúdo de qualidade, de forma clara, objetiva, conectado com a prática profissional, de tal maneira que a pessoa tire o maior proveito dessa estratégia. Nossa instituição apresenta desde capacitações para entendimento dessa temática e sua aplicação no contexto do cooperativismo, até cursos de formação continuada, que capacitam os médicos para se integrarem a essas tecnologias e compreenderem como elas estão transformando a saúde”. Diante da crescente complexidade da gestão dos planos de saúde, o Sistema oferece um portfólio educacional amplo dentro desse tema de transformação digital e IA, que vai de cursos introdutórios a MBAs, preparando médicos cooperados e colaboradores para atuar com eficiência nas comunidades onde estão inseridos.

Apoio nos processos seletivos

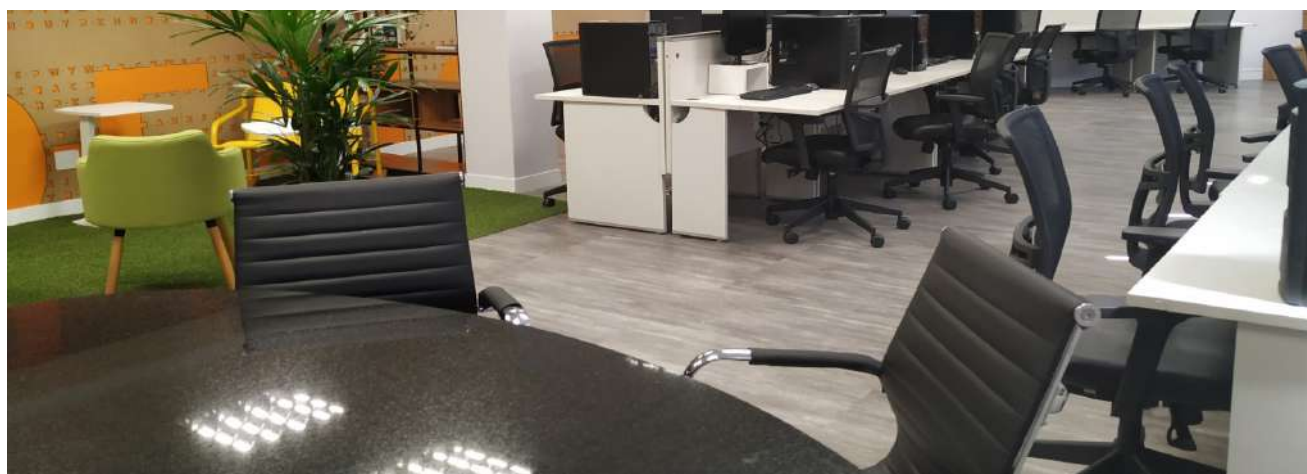
Antes mesmo de atuar na educação continuada e na qualificação dos profissionais já integrantes do Sistema, a



Espaço interativo

Faculdade Unimed exerce um papel estratégico no apoio aos processos seletivos das cooperativas. Embora não exista obrigatoriedade de concursos públicos para a admissão de novos médicos cooperados, cresce o número de Unimed que adotam esse modelo por considerá-lo juridicamente mais seguro e alinhado aos princípios do cooperativismo. Como explica o diretor acadêmico, a Constituição do Sistema Unimed estabelece que os processos sejam isonômicos, mas não impõe a realização de seleção pública. “Algumas cooperativas mais maduras já realizam concurso há 30 ou 40 anos. Com o benchmarking e a busca por mais agilidade e segurança jurídica, essa prática começou a se expandir nacionalmente”.

Nesse cenário, a Faculdade Unimed atua orientando as cooperativas em todas as etapas do processo: da análise do estatuto e aprovação em assembleia à estruturação do concurso, seguindo as melhores práticas do mercado. “Muitas cooperativas estão aprendendo agora a realizar concursos. Nós ensinamos, preparamos o processo e utilizamos sistemas automatizados, com softwares que elaboram as provas e garantem sigilo, seriedade e tranquilidade em todas as fases. Ao final, entregamos o concurso pronto para a cooperativa”, afirma Gastal. Atualmente, mais de 20 cooperativas Unimed já estruturam processos seletivos para admissão de médicos cooperados por meio da assessoria da Faculdade Unimed, um número que tende a crescer nos próximos anos.



Laboratório informática e Coworking



Faculdade Unimed: papel estratégico nos processos seletivos das cooperativas e no apoio a pesquisas

Outra área com forte apoio da Faculdade é a de pesquisa. Para atender às exigências da Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS), as cooperativas Unimed precisam realizar pesquisas obrigatórias de satisfação e desempenho com clientes e prestadores, cujos resultados impactam diretamente o Índice de Desempenho da Saúde Suplementar (IDSS). Para dar escala e garantir rigor técnico, o Sistema desenvolveu uma estrutura especializada que centraliza essas pesquisas e as oferece às cooperativas em âmbito nacional.

Além da avaliação de satisfação, a iniciativa inclui pesquisas de qualificação da rede assistencial, exigidas pela agência reguladora, com equipes técnicas responsáveis por mapear prestadores, serviços oferecidos e padrões de qualidade. O modelo permite padronização, eficiência e melhor gestão da rede, atendendo de forma mais estruturada às necessidades do Sistema Unimed.

Para além dessas pesquisas de caráter obrigatório, a Faculdade conta hoje com mais de 1600 projetos de assessorias realizados para as Unimeds: “Nós temos profissionais que eventualmente vão fazer pesquisas diferenciadas sob medida para uma determinada pergunta que a cooperativa está fazendo, por exemplo, se vai fazer

um hospital ou não vai fazer um hospital... se isso tem demanda.” Ou seja, junto a educação, a assessoria é uma das atividades mais importantes da Faculdade Unimed, exercendo um serviço especializado que vai da pesquisa, passa pela capacitação, chegando à intervenção na ponta, na cooperativa em si.

“ Grande parte do nosso portfólio de cursos está ligada a essa questão da gestão de cooperativas, da gestão empresarial na saúde, ou seja, a todos esses desafios de capacitar o médico cooperado que vai ser dirigente ”

Fabio Gastal



UNIMED MARCA PRESENÇA NA MARATONA EM GUARATUBA

E REFORÇA COMPROMISSO COM A SAÚDE

EMANUELLE SPACK

Na Maratona Internacional do Paraná, etapa Guaratuba, o Sistema Unimed Paranaense transformou presença institucional em experiência de cuidado, reunindo lideranças, cooperados e colaboradores em um cenário que uniu bem-estar, conexão e propósito

O QUE VOCÊ VAI LER

Como a presença da Unimed na Maratona Internacional do Paraná, em Guaratuba, transformou um evento esportivo em uma experiência de cuidado, conexão e bem-estar. O texto traz histórias de superação e como o cooperativismo fortalece vínculos humanos por meio do esporte e da promoção da saúde.

O dia ainda nem havia clareado por completo quando os primeiros passos começaram a ganhar ritmo nas ruas de Guaratuba. Ao longo dos dias 2 e 3 de maio de 2026, a Maratona Internacional do Paraná, etapa Guaratuba, reuniu centenas de corredores em diferentes percursos: no primeiro dia, as provas de 5 km, 21 km e a Maratoninha; no segundo, os desafios de 10 km e 42 km. Com largada e chegada no Centro de Eventos de Guaratuba, os participantes se concentravam para aquecer o corpo e organizar os pensamentos para o desafio que viria pela frente.

Assim como a maratona percorreu cenários simbólicos de Guaratuba, a presença da ponte na paisagem local se tornou um marco potente de conexão, não apenas entre territórios, mas entre pessoas, propósitos e jornadas. Esperada há muitos anos, ela ganhou forma justamente nesse momento e se integrou ao cenário da prova como um elemento especial, percebido tanto por quem correu quanto por quem vive a cidade no dia a dia.

Mais do que uma estrutura, a ponte passa a representar movimento, travessia e novos caminhos, conceitos que dialogam diretamente com o espírito da maratona e com a ideia de seguir em frente.

Séculos antes das ruas de Guaratuba receberem corredores, a palavra maratona já carregava uma história de esforço e resistência. O termo nasceu na cidade de Maratona, na Grécia Antiga, cenário da Batalha de Maratona, e eternizado pela trajetória do mensageiro Fidípides.

Ao ecoar essa origem, a experiência vivida nas paisagens de Guaratuba ressignificou esse gesto ancestral, transformando esforço em narrativa, movimento em conquista e cada chegada em um símbolo de superação construído passo a passo por quem aceitou o desafio de seguir em frente.

A atmosfera era de expectativa, silenciosa em alguns momentos, vibrante em outros. Cada participante, cerca de 20 mil em todo o evento, carregava consigo um objetivo particular: superar limites, buscar qualidade de vida, testar a própria resistência ou simplesmente viver a experiência. Mas, à medida que o relógio avançava, ficava evidente que, mais do que uma prova esportiva, aquela seria uma jornada coletiva.

Entre olhares atentos, conversas curiosas e uma disposição genuína para o encontro, a área da Unimed tornou-se ponto de circulação e troca entre lideranças. Por ali, estiveram presentes o diretor-presidente, **Alexandre Gustavo Bley** e o diretor de Mercado e Intercâmbio, **Durval Francisco dos Santos Filho**, cujas participações contribuíram para aproximar dirigentes e fortalecer conexões ao longo do evento.

Os dois representantes participaram da prova de 5 km, e destacaram a experiência vivida durante o percurso. “Além da questão do desafio, teve a paisagem que contribuiu muito com o percurso, como poder ver a construção terminada da ponte que liga Guaratuba a Matinhos, um ícone para o nosso estado, um fator importante de desenvolvimento do nosso litoral”, conta Bley.

Para Santos, a vivência foi marcante e cheia de significado, unindo superação pessoal e espírito de equipe em um momento único. “Foi a primeira maratona que eu participei na minha vida. Eu falei que eu iria à maratona para dar um apoio a todo o nosso pessoal de propaganda e marketing que estiveram presentes no evento e dar um apoio ao grupo de pessoas das Unimed convidadas a participar da maratona também. Assim, fiz essa aventura na minha vida.”

Mais do que uma prova de resistência física, a corrida se revelou, ao longo das horas, como um retrato característico da própria jornada do cuidado: contínua, desafiadora e

profundamente humana. A cada quilômetro percorrido, histórias individuais se cruzavam em um movimento coletivo que traduzia, na prática, o que significa promover saúde em sua forma mais ampla.

“ **O esporte é o meio mais preventivo para se ter qualidade de vida em todos os sentidos** ”

Vanderlei Cordeiro de Lima

A Unimed Paraná, representando o Sistema, transformou sua presença institucional em uma vivência alinhada ao seu propósito, conectando saúde, prevenção e bem-estar. Para Bley, a participação no evento reforça o papel da marca além da assistência médica. “Eu acredito que tem tudo a ver porque nós estamos falando de uma prova de corrida, uma maratona, de atividade física, que está diretamente ligada ao autocuidado. A marca Unimed está relacionada a tudo isso, porque o cuidado que é a sua grande força, e esse cuidado não está somente no processo assistencial realizado pelos médicos, ou outros profissionais na rede de estabelecimentos, mas também no trabalho de prevenção e promoção à saúde que são fundamentais.”



Pessoas aguardando a primeira largada da maratona na madrugada de sábado 2 de maio

PRESENÇA QUE ACOLHE: O ESPAÇO UNIMED NO EVENTO



Área vip da maratona

Foi nesse cenário que o Sistema Unimed Paranaense marcou presença, não apenas como patrocinador, mas como agente ativo de acolhimento e suporte. Posicionada estrategicamente próxima à largada, a área dedicada à cooperativa se tornou ponto de encontro, descanso e assistência para representantes de diversas regiões do estado. Um espaço que, assim como a própria corrida, pulsava cuidado, conexão e propósito.

De acordo com Santos, a Unimed como um todo vem ampliando sua atuação em iniciativas que promovem saúde, bem-estar e integração com a comunidade, consolidando sua presença em eventos esportivos no estado. “Nós, na Unimed, há algum tempo patrocinamos as corridas no estado do Paraná por meio de um patrocínio com uma rede de farmácias que nos ajuda monetariamente a financiar as cooperativas. Atualmente nós conseguimos dentro do nosso estado que, praticamente, todas as Singulares participem ativamente dos projetos das maratonas nas cidades onde atuam.”

Ele ainda ressalta que a participação no evento reforça o alinhamento da cooperativa com iniciativas que promovem qualidade de vida e visibilidade institucional, especialmente em momentos de grande mobilização pública. “Como nós fazemos isso e surgiu esse movimento da maratona internacional liderada pelo governo por causa da inauguração da ponte, fomos convidados porque eles já conhecem o espírito da Unimed em relação a patrocínios de esportes”.

Nesse sentido, Bley complementa que a presença da Unimed também representa um posicionamento estratégico da marca. “De uma forma geral, foi uma grande satisfação e honra poder trazer a marca Unimed para esse momento histórico e de amplo desenvolvimento do nosso estado. Eu acredito que é nesse caminho que a marca tem que se manter.”

Mais do que uma estrutura física, o ambiente Unimed na maratona refletia o conceito de proximidade, característica central do cooperativismo médico. Ali, entre conversas, preparações e pausas, era possível perceber a construção de vínculos que vão além do dia a dia profissional.

Vínculos esses que se mantêm ativos por anos, como é o caso do ex-maratonista brasileiro, patrocinado pela Unimed Maringá, **Vanderlei Cordeiro de Lima**, que participou ativamente da maratona, correndo o percurso de 5 km, assim como compartilhou sua experiência de vida com todas as pessoas que estiveram no espaço Unimed nos dois dias de evento.

Paranaense, ele destacou a emoção de receber esse reconhecimento em casa revelando que se sentiu muito feliz com o momento e que a corrida foi desafiadora, já que vive uma fase diferente em sua vida e em sua carreira nesse momento.

Vanderlei tem uma história que sensibiliza e inspira todos ao seu redor. E, no espaço Unimed, não foi diferente: cada atleta que passava ali manifestava um carinho imenso

CAPA

por ele. “Eu vejo que a minha história e o meu passado dedicado ao esporte valeram a pena. Percorrer todo esse caminho, mesmo que difícil, com muitos obstáculos, para ter esse reconhecimento e carinho, é sensacional. E eu retribuo de forma muito carinhosa, também, tirando fotos com pessoas que eu nem conheço, com quem eu nem convivo, porque elas querem levar uma lembrança da minha história e do meu legado”, conta, orgulhoso, Lima.

Para ele, foi um momento único poder estar na Maratona Internacional do Paraná, participar da corrida e ser um dos primeiros atletas a cruzar a ponte, um marco histórico para o estado do Paraná. A inauguração da estrutura, aliada à realização de um grande evento esportivo, atraiu público de diversas regiões para Guaratuba, e Lima vê nesse movimento uma oportunidade de valorização do esporte e de conexão com a comunidade.

“Principalmente nessa primeira edição, acho que todos os atletas que lá estiveram vão entrar para a história por esse grande momento que a sociedade está vivendo com a inauguração dessa ponte, que é tão importante para o Paraná. Nós, que amamos o esporte, podemos usar o atletismo, a corrida, como um meio de promover um evento como esse, que é um atrativo que leva muita esperança para quem está começando ou para quem já é do meio. Esse momento, em especial, enalteceu ainda mais a minha vida e a minha carreira, por eu estar recebendo esse carinho maravilhoso de todos.”

Ao comentar a relevância da presença da cooperativa no universo esportivo, Lima destacou que a atuação da Unimed vai além do tratamento de doenças, com foco direto na prevenção e na promoção da qualidade de vida. Para ele, o incentivo ao esporte é uma das formas mais eficazes de alcançar esse objetivo, tanto no âmbito individual quanto no institucional. “A Unimed tem um significado muito grande; não é tratar doença, é prevenir. E o esporte é o meio mais preventivo para se ter qualidade de vida em todos os sentidos. O maior investimento que se pode fazer, não só como pessoa, mas também como empresa, é dar importância a esse processo, não só promovendo, mas também fazendo parte dele”, afirmou.



Pessoas interagindo no espaço Unimed na área vip

a Ele também ressaltou a parceria de longa data com a cooperativa: “A Unimed é minha parceira há muito tempo, sempre me apoiando, porque temos um grande propósito: levar saúde para as pessoas.”



Marca Unimed no circuito da maratona

Hélvia Perpétuo da Rocha Pinto, analista do setor de Núcleo de Inteligência e Informação (NIIS) na Unimed Paraná, participou do percurso de 10 km e viveu a experiência de forma especialmente significativa. Corredora de rua há 14 anos, ela destacou a conexão afetiva com Guaratuba, cidade onde viveu momentos importantes da vida pessoal, além da emoção de participar de um evento histórico para o estado. “Fazer os 10 km da Maratona Internacional do Paraná, em Guaratuba, foi uma experiência muito especial, pois tenho um carinho muito grande pela cidade, local em que passei momentos maravilhosos da minha vida”, conta.

“**Foi uma grande satisfação e honra poder trazer a marca Unimed para esse momento histórico e de amplo desenvolvimento do nosso estado**”

Alexandre Gustavo Bley

Para Hélvia, o percurso reuniu beleza, desafio e um forte espírito coletivo entre os atletas. “Achei o percurso bonito, agradável e desafiador com vento e frio na medida certa. O evento estava muito bem organizado, com uma energia incrível entre os atletas, afinal, foi um marco histórico correr na Ponte da Vitória.” Ela também destacou o acolhimento proporcionado pela cooperativa durante os dois dias de evento. “Achei o espaço Unimed muito acolhedor, bem estruturado e totalmente conectado com a proposta de saúde, esporte e bem-estar”, afirma. O encontro com o ex-maratonista Vanderlei Cordeiro de Lima também marcou a experiência. “Eu já conhecia a história do Vanderlei, que é uma grande inspiração no esporte, e encontrá-lo no espaço Unimed foi muito emocionante.”

Essa aproximação, construída fora dos espaços tradicionais de reunião, reforça a importância das conexões humanas dentro do sistema cooperativista. É nesse tipo de experiência que surgem trocas espontâneas, alinhamentos naturais e novas possibilidades de atuação conjunta.

Ao compartilhar o mesmo percurso, literal e simbólico, os participantes vivenciaram, na prática, o valor da cooperação.



Espaço Unimed na área vip

Um até logo que deixou aquela sensação de “quero mais”

Quando os últimos corredores cruzaram a linha de chegada, o cenário já era outro. O cansaço físico dava lugar à sensação de conquista, enquanto histórias individuais se misturavam em uma memória coletiva construída ao longo do percurso.

Mais do que tempos e resultados, o que permaneceu foi a experiência. A maratona evidenciou que o cuidado com a saúde não acontece apenas em consultórios ou hospitais, mas também em escolhas cotidianas, no incentivo ao movimento e na construção de ambientes que promovem bem-estar. As lembranças ficam eternizadas como histórias para serem contadas no futuro. Entre maratonas e o dia a dia profissional, cada ser humano tem sua história para administrar. “Ver as outras pessoas correndo, conversar com as pessoas que estavam ali se preparando para a corrida, cada uma com as suas motivações, foi muito gratificante”, finaliza Bley.

“**Foi a primeira maratona que eu participei na minha vida**”
Durval Francisco dos Santos Filho

Para Durval dos Santos, o importante é não desanimar e nem deixar de participar. Como ele mesmo diz, “eu não sou esportista e eu não me preparei, mas eu acho que todos devem tentar e fazer alguma coisa. O corpo pede, a mente pede e é uma necessidade. E o bate-papo permite o convívio e o conhecimento com novas pessoas.”

E Lima destaca que não existe a faixa etária para tomar a decisão de ‘quando posso começar’ ou se ‘já está tarde para começar.’ “Nunca é tarde para começar. O mais importante é a gente fazer essa ‘poupança’ para que amanhã a gente possa ter uma boa qualidade de vida na terceira idade. Para termos mobilidade, disposição e saúde. Esse é o maior investimento que uma pessoa pode fazer.”



Durval dos Santos, Vanderlei de Lima e Alexandre Bley no espaço Unimed, na Maratona Internacional

Ao marcar presença nesse contexto, a Unimed reafirmou seu compromisso com uma visão ampliada de saúde, aquela que acompanha o indivíduo em todas as etapas da sua jornada. Porque, assim como em uma maratona, cuidar é seguir em frente, passo a passo, com regularidade, apoio e propósito compartilhado.

O QUE A CORRIDA SIGNIFICA PARA VOCÊ?

LANA MARTINS



Fábio Francisco Gomes – diretor-superintendente da Unimed Norte do Paraná – 42 km

“Para mim, a corrida é vida. É o que me ajuda a manter o equilíbrio emocional sem precisar de medicação. A corrida funciona como um verdadeiro remédio. E cruzar a linha de chegada de uma maratona de 42 quilômetros é algo indescritível. Só vivendo a experiência para entender a sensação, pois é um sentimento de vitória e de realização de um projeto construído durante meses de preparação e estratégia. Ver todo esse trabalho concluído é algo maravilhoso.”



Antônio Eduardo Tavares – aposentado – 10 km

“Saúde. Sinto-me muito bem correndo os 10 quilômetros. Tenho 73 anos e achei a prova muito legal, bem organizada e realmente valeu a pena participar. Cada vez que cruzo a linha de chegada, sinto uma realização enorme. É uma sensação maravilhosa, de perceber que estou bem de saúde. Recomendo a corrida tanto para os jovens quanto para as pessoas mais velhas também. Continuem correndo!”



Vanessa Aparecida Barbieri – psicóloga – 10 km

“Saúde, bem-estar e superação. Acho que existe muito esse sentimento de se desafiar. Ao final de cada prova, fica a sensação de missão cumprida, de que o desafio deu certo e de que você conseguiu chegar até o fim.”



Taila Daniela Búfalo – analista de Contratos e colaboradora da Unimed Paraná – 10 km

“Saúde, bem-estar e superação. Acho que existe muito esse sentimento de se desafiar. No fim de cada prova, fica a sensação de missão cumprida, de que o desafio deu certo e de que você conseguiu chegar até o fim.”



Cleverson Luiz Aparício Pereira – servidor público – 10 km

“Para mim, a corrida é uma motivação ligada à saúde e também ao equilíbrio psicológico. Quando cruzo a linha de chegada, o sentimento é de querer manter a saúde sempre em dia e continuar superando meus próprios limites. E, se Deus quiser, no futuro participar de provas ainda maiores.”



Franciane dos Santos Moura – atleta profissional (1º lugar nos 42 km feminino)

“A corrida significa vida, saúde, trabalho e dedicação. Graças a Deus, sigo firme nessa luta até hoje. Participar da primeira maratona aqui no litoral paranaense e conquistar o título da prova, sendo campeã brasileira, foi uma alegria muito grande para mim. Sou de Manaus e representar o Brasil é algo extremamente gratificante. Também agradeço a Deus por tudo o que tem feito na minha vida, ao meu treinador, **Juarez Silva**, à minha equipe e a todos os brasileiros que torcem por mim.”



Fernanda Priscila de Lima – advogada e colaboradora da Unimed Paraná – 10 km

“Superação. Vim sem muita expectativa, mas, quando finalizei a prova, percebi que tinha me superado. Bati meu RP, que ainda pode ser baixo para outras pessoas, mas para mim teve um significado enorme. Consegui aumentar minha velocidade e perceber que somos mais capazes do que imaginamos. Muitas vezes a gente acha que não vai dar conta, mas, com treino e constância, vai evoluindo aos poucos. No fim, a corrida é sempre um desafio contra si mesmo: de sentimento de superação e de felicidade por conseguir.”



Gilmar Aparecido – coordenador Comercial – 42 km

“Antes de tudo, corrida significa saúde. Depois, também é um momento de descontração, mas o principal é cuidar da saúde mesmo. Quando cruzamos a linha de chegada, o sentimento é de conquista. Independentemente do pace (ritmo de corrida) ou do tempo, o mais importante é a superação pessoal, é conseguir vencer os próprios objetivos.”



Cílio Volce – professor – 10 km

“Saúde, sem dúvida, é o principal, ainda mais na minha faixa etária, acima dos 40 anos. Movimentar o corpo é fundamental. Cruzar a linha de chegada traz uma alegria enorme e a sensação de dever cumprido. No fim, é uma competição individual,

em que cada pessoa é um universo diferente, com suas medidas, limitações e desafios. Por isso, fico muito feliz em participar e perceber minha evolução.”



Antônio Juarez Rodrigues – aposentado – 10 km

“É uma emoção enorme. Tenho 66 anos e posso dizer que não existe coisa melhor. Essa corrida foi especial, sem comparação. Moro em Pontal do Paraná e participar de uma prova no litoral, onde vivo, é um privilégio. É como correr em um paraíso. Quando

a gente cruza a linha de chegada, o sentimento é de muita alegria. Não importa chegar em primeiro lugar, cada um tem a sua própria conquista. Para mim, é um grande sentimento de superação e de felicidade por conseguir.”



Jaqueline Aparecida Stocco – esteticista – 42 km

“Corrida, para mim, é tudo de bom. Essa foi a minha oitava medalha em maratonas de 42 quilômetros. Cruzar a linha de chegada é um momento emocionante, de vontade de

chorar, de sentir que venceu e conseguiu alcançar o objetivo. Superação, para mim, significa determinação e foco. Chegar até aqui e concluir uma maratona aos 62 anos representa exatamente isso: que cada pessoa é um universo diferente, com suas medidas, limitações e desafios. Por isso, fico muito feliz em participar e perceber minha evolução.”



Jessica Caroline Soares Augustmak – assistente de Marketing na Unimed Guarapuava – 5 km

“A corrida representa, para mim, uma mudança de hábito, muito alinhada ao movimento proposto pela Unimed. Ela está ligada à ideia de sair do comodismo,

experimentar coisas novas e se desafiar. No fim, é uma disputa comigo mesma e uma grande superação pessoal. Cruzar a linha de chegada é uma sensação surreal e difícil de explicar. Durante o percurso, muitas vezes pensamos em desistir ou até duvidamos da própria capacidade. Por isso, concluir a prova e perceber que conseguiu é algo extremamente gratificante.”



MAIS QUE METAS: O DESAFIO HUMANO DE LIDERAR

Exercer um papel de liderança traz desafios que vão além dos conhecimentos técnicos. Confira caminhos para uma liderança mais humana, estratégica e menos solitária

THAÍS MOCELIN

O QUE VOCÊ VAI LER

Especialistas em desenvolvimento humano analisam as principais dores da liderança contemporânea, da sobrecarga ao impacto do isolamento. Também compartilham dicas para transformar solidão em conexão e desafios em desenvolvimento.

Assumir um cargo de liderança é sinal de reconhecimento e ascensão profissional. Na prática, o posto vem acompanhado de desafios que nem sempre aparecem na descrição da função. Pressão por resultados, dificuldade em delegar, retenção de talentos e conflitos entre gerações são apenas algumas das dores relatadas por quem ocupa essa posição.

Para o especialista em desenvolvimento de líderes **Marcelo Levi**, diretor da Sophos Treinamentos, uma das maiores dificuldades está na gestão de pessoas, seguida de perto pela gestão de tempo. “Fazer gestão de pessoas dá trabalho. Acompanhar, orientar, treinar, ouvir, dar *feedback*, delegar. A maior parte das lideranças, hoje, não têm tempo suficiente para fazer isso com qualidade, usando todos os recursos que a gestão de pessoas proporciona”, analisa. Entre tantas reuniões, tarefas e responsabilidades que precisam dar conta, alguns líderes deixam até de se sentir donos da própria agenda.

Mais um ponto fundamental é o cuidado com quem faz parte da equipe. Afinal, liderar vai além de acompanhar indicadores e processos. “Cuidar envolve conhecer profundamente as pessoas que trabalham com você. Essas pessoas têm sonhos, expectativas, desejos. Têm medos, angústias, ansiedades”, destaca Levi. Por vezes, o receio de criar vínculos mais próximos pode ser uma barreira para compreender as motivações que realmente fazem diferença para os profissionais que estão ao redor. “A grande sacada é entender de gente. Não basta olhar para as questões técnicas. É preciso compreender

comportamento humano”, ressalta. Quanto mais o líder se aproxima de forma autêntica e respeitosa, maiores as chances de construir confiança e engajamento.

Nos treinamentos que ministra e nas aulas como professor de pós-graduação, Levi costuma reiterar que líderes autênticos não nascem prontos. Eles se desenvolvem constantemente. Reconhecem suas vulnerabilidades e fazem bom uso de suas habilidades naturais. Além disso, apoiam-se em relações sólidas com seus liderados.



Marcelo Levi destaca a importância do exemplo. Aquilo que a liderança cobra e diz que deve ou não deve ser feito não pode estar só no discurso

Delegar para não adoecer

Outra situação comum é a dos líderes que permanecem presos às atividades operacionais, seja pela realidade de equipes mais enxutas e alta competitividade, seja pelo apego de manter as coisas feitas do seu jeito. Segundo Levi, que tem mais de 30 anos de experiência como gestor de equipes e 17 na realização de treinamentos, o receio de parecer improdutivo, a crença de que “ninguém faz tão

bem quanto eu” e a falta de confiança no time são fatores que impedem líderes de distribuir responsabilidades de maneira mais assertiva.

O especialista recomenda que o gestor tenha sempre em mente qual é a prioridade: fazer do seu jeito ou alcançar o resultado necessário? “A liderança pode até se surpreender e perceber que a pessoa vai fazer melhor do que ela e não tem problema nenhum. Bons líderes têm profissionais melhores do que eles trabalhando no seu time, porque podem colocar na mão dessas pessoas os grandes desafios e projetos que precisam ser feitos”, reflete. Para Levi, a delegação bem-feita abre espaço para pensar estrategicamente, desenvolver talentos e investir em *feedbacks* estruturados. Não delegar, ao contrário, gera sobrecarga crônica e impede a formação de sucessores, pois bloqueia uma infinidade de possibilidades de desenvolvimento, tanto para a equipe quanto para o próprio líder.

“**A liderança pode ser um caminho solitário, mas eu acredito que não precisa ser. Líderes precisam de suporte, tanto quanto qualquer outra pessoa**”

Thainá Becker

O isolamento do poder

Na liderança, há uma dor que atravessa todas as outras: a solidão. Levi chama o fenômeno de “isolamento do poder.” “Quando alguém assume a liderança, é natural que exista um distanciamento. As pessoas passam a enxergá-lo como alguém que pode cobrar, avaliar, contratar ou demitir”, explica. Ao mesmo tempo, o próprio líder pode se afastar por medo de errar, de demonstrar vulnerabilidade ou de não ser aceito. Surge, então, a sensação de incompreensão.

Para lidar com isso, Levi defende que o caminho começa pelo autoconhecimento. Desenvolver inteligência emocional, comunicação assertiva e autogestão ajuda a reduzir o impacto do isolamento. Também é fundamental compreender que nem sempre será possível agradar a todos. “As lideranças precisam aprender a não levar isso para o lado pessoal e entenderem que isso é inerente à sua função”, afirma.

Rede de apoio como antídoto

A percepção de solidão entre líderes também aparece na experiência da mentora de carreira **Thainá Becker**, sócia fundadora da TB Desenvolvimento. “A liderança pode ser um lugar bem solitário, porque quando a pessoa assume o cargo, ela muda de lugar na dinâmica. Muitas vezes, sente que não pode dividir certas inseguranças com o time para não parecer frágil. Ao mesmo tempo, evita levar questões para a alta liderança com medo de parecer despreparada”, observa. E o resultado pode ser um isolamento progressivo.



Uma das dicas da mentora de carreira Thainá Becker para líderes é buscar apoio para além da estrutura direta da empresa, como mentorias, grupos de desenvolvimento e *networking*

Thainá acredita que o antídoto está na construção intencional de uma rede de apoio. “Fortalecer a relação com os pares faz muita diferença, porque são profissionais que enfrentam desafios parecidos. Criar um clima amistoso, com espaço para trocas e confiança, ajuda a reduzir bastante essa sensação de isolamento”, orienta. Buscar mentorias, grupos de desenvolvimento e redes de *networking* também amplia o espaço de troca fora da hierarquia formal.

Apesar das dores, ela ressalta o lado mais gratificante do papel: acompanhar o crescimento do time e a evolução de cada profissional. “Nada se compara a ver alguém sendo promovido, conquistando espaço, sentindo-se mais seguro e realizado profissionalmente. Muitas vezes, a gente também percebe que o trabalho passa a viabilizar outros sonhos e abrir caminhos importantes na vida dessas pessoas. Para mim, isso é o mais especial da liderança: saber que você está impactando trajetórias e transformando vidas. Isso é realmente muito poderoso”, enfatiza Thainá.

Entre pressões e aprendizados, a lição que fica é que liderar exige estratégia, mas também humanidade. E ninguém precisa, nem deve, fazer isso sozinho.

A FORÇA DO (BOM) HÁBITO

Mexer o corpo ao ar livre, dormir bem e comer alimentos naturais: conselhos aparentemente simples, mas que ainda representam grande desafio para evitar doenças crônicas

ADRIANA VIEIRA

O QUE VOCÊ VAI LER

O estilo de vida ativo das redes sociais pode até parecer estar em alta, mas a realidade da população mundial é outra: o sedentarismo cresce e tende a continuar crescendo nos próximos anos.

Ele é atualmente o maior fator de preocupação para doenças crônicas, próximo à alimentação de ultraprocessados e o sono de má qualidade. Angelo Bannack conta o que tem observado em sua prática como médico da família e reforça o quanto o estilo de vida saudável pode impactar na saúde. E uma contrapartida interessante para otimizar cada vez mais a jornada da saúde das pessoas é a novidade Uniflow: a alternativa, acessada dentro do aplicativo da Unimed, vem para ajudar pessoas a fazerem a gestão da sua saúde de forma facilitada, garantindo um estilo de vida ainda mais saudável.

As academias lotadas e os incontáveis conteúdos sobre treinos e corridas de rua nas redes sociais podem até estar dominando o imaginário de muitos de nós. No entanto, um dado desconcertante avança na direção oposta: o sedentarismo segue em crescimento no mundo. A contradição revela mais do que uma tendência passageira e expõe desigualdades de acesso, exaustivas rotinas de trabalho que dificultam a prática de atividades físicas e conveniências do mundo atual que acabam por roubar os movimentos básicos da rotina (como ir à padaria a pé em vez de pedir algo no *delivery*). Entre o ideal e o real, ainda há um abismo que impacta diretamente a saúde da população, especialmente quando o assunto é evitar doenças crônicas.

Um estudo de 2024 da Organização Mundial da Saúde (OMS) estima que quase um terço dos adultos do

mundo não atinge os níveis mínimos de exercício físico recomendado. Esse mesmo estudo mostra que houve uma piora da prática de atividade física na última década e a projeção é que o sedentarismo venha a piorar ainda mais até 2030. Já no Brasil, um levantamento realizado pelo IBGE via Vigitel em 2019 estima que pelo menos 50% dos adultos brasileiros não praticam o mínimo de 150 minutos de atividade moderada semanalmente recomendado pela OMS.

Para o médico de família **Angelo Bannack**, uma explicação para esse grande número de sedentários pode estar na questão ambiental e na modificação do nosso comportamento causada pelas novas tecnologias, como o aumento do uso de telas, o maior tempo em casa gerado pelo trabalho remoto e exacerbado pela pandemia, além da automatização crescente das tarefas cotidianas e do uso maciço de carros para deslocamento: “Talvez, o maior desafio hoje não seja convencer as pessoas a adotar rotinas de exercício intenso, mas sim resgatar o movimento básico no dia a dia, aquele que foi silenciosamente roubado pela modernidade”.

Até mesmo o trabalho remoto, que tem o potencial de gerar mais tempo livre para a prática de atividades físicas, na realidade, muitas vezes, surte o efeito contrário. Afinal, as pessoas perdem a oportunidade de passar na academia no caminho do trabalho para casa, ou de fazer uma caminhada nesse mesmo trajeto, por exemplo. “Lembro que quando fazia faculdade de medicina na UFPR, ia e voltava todos os dias a pé do apartamento que morava no centro de Curitiba até o HC. Eram pelo menos 30 minutos de ida e o mesmo de volta diariamente. Hoje troquei esse deslocamento pelo uso do carro. A necessidade me impunha exercício cardiovascular regular, algo que o trabalho remoto e o uso crescente de automóveis, aliados ao imediatismo dos tempos atuais, foram silenciosamente eliminando da rotina”, relembra Angelo Bannack.

É mais do que evidente a ameaça que a vida sedentária representa no contexto de doenças crônicas cardiovasculares, além de alguns tipos de câncer. E agora também se sabe que a atividade física, especialmente a aeróbica, pode trazer muitos benefícios à saúde mental, tendo impacto sobre sintomas ansiosos e depressivos: “o exercício físico não substitui o tratamento para casos mais graves de ansiedade, mas atua como um coadjuvante poderoso. No meu consultório, trato diversos pacientes com ansiedade e depressão e sempre recomendo a prática regular de exercícios aeróbicos e, de preferência, ao ar livre”, conta.

Exercícios realizados ao ar livre parecem trazer benefícios adicionais graças à combinação de movimento com exposição à luz solar, contato com a natureza e estímulos variados. Melhoras significativas nos sintomas ansiosos e no humor, principalmente pela prática regular de caminhadas, são observadas na rotina do médico: “Muitos pacientes referem que consideram a caminhada sua dose periódica de remédio. O exercício aeróbico parece atuar na melhora do sono, na regulação do ciclo circadiano, na redução de marcadores inflamatórios e na liberação de neurotransmissores como a serotonina e as endorfinas, ligados ao prazer e ao bem-estar.”



Atividade física é essencial, a ameaça que a vida sedentária representa é real

Ultraprocessados: o novo cigarro

A diminuição consistente do tabagismo foi evidenciada globalmente, com o Brasil inclusive sendo reconhecido como um caso de sucesso, alcançando a redução do número de fumantes em mais de um terço desde 2010. Com isso, a ingestão de ultraprocessados começa a ser descrita como o “novo cigarro” por representar um perigo tão grande quanto ele no contexto de doenças crônicas. Estudos mostram clara

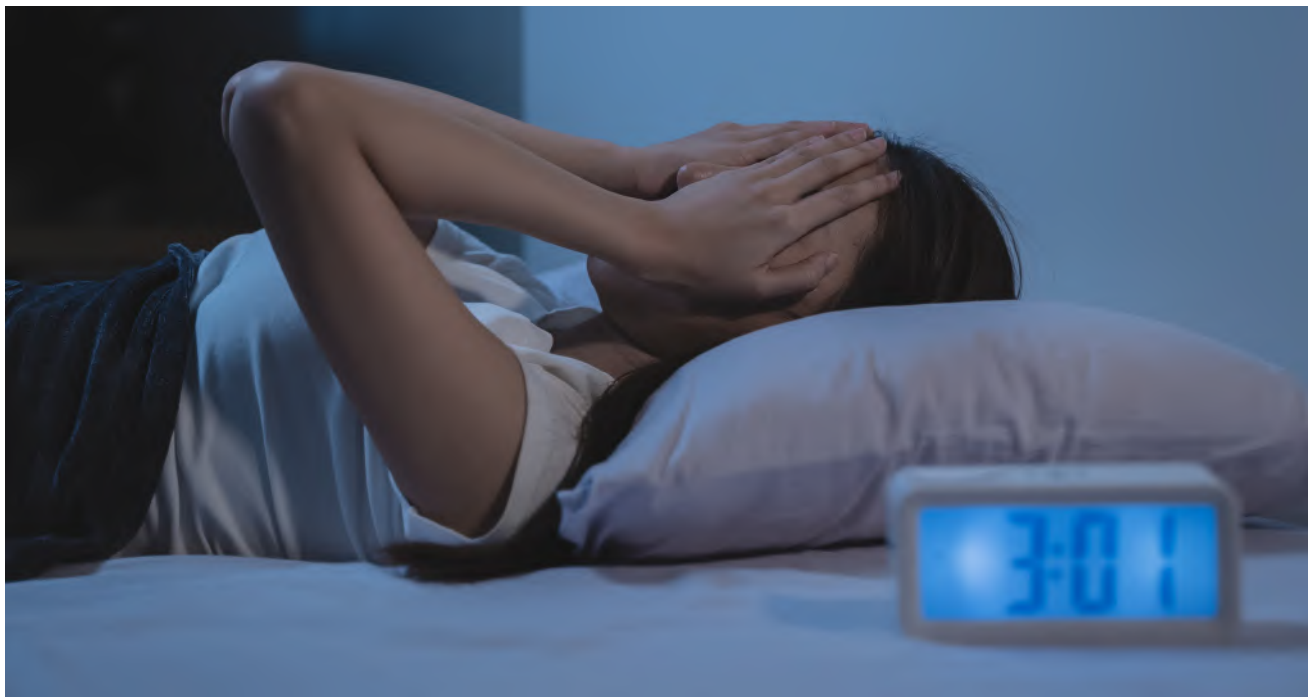
associação entre o consumo elevado desses produtos e maior risco de doença cardiovascular, diabetes tipo 2, ansiedade, depressão, obesidade e mortalidade geral. A relação com alguns tipos de câncer também está sendo descrita, mas ainda com evidências menos sólidas.

Para Angelo Bannack, a comparação dos ultraprocessados é ainda mais pertinente do que parece, não apenas pelos danos à saúde, mas também pela lógica por trás de ambos: produtos desenvolvidos industrialmente para gerar dependência, com apelo sensorial artificial, marketing agressivo e lobby poderoso contra qualquer regulamentação: “A diferença é que o tabaco levou décadas para ser adequadamente controlado e os ultraprocessados parecem estar no início desse mesmo caminho”, pontua.



Angelo Bannack: meus pacientes referem que consideram a caminhada sua dose periódica de remédio

O médico lembra ainda que o Brasil tem um papel pioneiro e pouco celebrado nessa história: a classificação nova, que divide os alimentos pelo grau de processamento industrial e não apenas por calorias ou nutrientes, criada pelo professor **Carlos Monteiro** e pelo Nupens (Núcleo de Pesquisas Epidemiológicas em Nutrição e Saúde) da USP: “Essa classificação já serve de referência para diversos países. Sua mensagem central é direta: prefira sempre alimentos *in natura* ou minimamente processados. É uma orientação que uso frequentemente no consultório porque é simples, inclusiva e tem potencial para funcionar em qualquer realidade socioeconômica”.



Sono ruim: um perigo crescente

A ciência é bastante consistente ao mostrar que sono insuficiente, muitas vezes definido como menos de sete horas por noite, e sono de má qualidade estão associados a maior risco de obesidade, diabetes tipo 2 e doenças cardiovasculares. Os mecanismos fazem sentido clinicamente: a privação de sono eleva o cortisol, desregula a insulina, aumenta marcadores inflamatórios e desregula os hormônios que controlam o apetite. A leptina cai e a grelina sobe, o que explica em parte porque quem dorme mal tende a comer mais e pior no dia seguinte. Ou seja, como bem resume Bannack: “Sono ruim e doenças crônicas se retroalimentam num ciclo difícil de quebrar”.

Ao confirmar a observação de um aumento de queixas relacionadas ao sono, que acontecem quase diariamente em seu consultório, o médico da família descreve que, para além da frequência, chama atenção a diversidade de perfis: o adolescente que não consegue dormir por causa do celular, o adulto jovem que acorda exausto depois de oito horas na cama, o idoso que acorda às três da manhã e não volta a dormir mais, e o paciente de meia-idade que

ronca alto e cuja companheira relata que ele “para de respirar” durante a noite.

“ Sono ruim e doenças crônicas se retroalimentam num ciclo difícil de quebrar ”

Angelo Bannack

Para ele, uma preocupação concreta e ainda subestimada seria a apneia obstrutiva do sono, que é reconhecida como causa direta de hipertensão arterial: “Existe um número relevante de pacientes com hipertensão de difícil controle cuja causa subjacente é a apneia não diagnosticada. Quando pergunto sobre ronco, pausas respiratórias e sonolência diurna, com frequência descubro que o paciente nunca tinha associado esses sintomas à sua pressão arterial mal controlada. A polissonografia nesses casos pode mudar completamente a conduta.”

O outro lado da moeda é o tratamento farmacológico do sono. O terreno é de grande preocupação para Bannack que observa o uso de benzodiazepínicos e das chamadas drogas Z (zolpidem, zopiclona e outros) amplamente difundido, mas muitas vezes além do que seria clinicamente justificável: “No consultório, recebo frequentemente pacientes que tomam essas medicações há anos, iniciadas por outro médico ou por conta própria, e que já desenvolveram dependência sem perceber. Tentar retirar é um processo lento, delicado e que exige muito vínculo terapêutico.”



A boa notícia é uma alternativa eficaz que vem sendo evidenciada: a Terapia cognitivo-comportamental para insônia (TCC-I). Em comparação com medicamentos, ela teria resultados mais duradouros e sem os riscos do tratamento farmacológico prolongado. O desafio é o acesso, já que no Brasil a abordagem ainda está longe de fazer parte da realidade da maioria dos pacientes: “Enquanto isso, o caminho continua sendo orientar sobre higiene do sono, investigar causas subjacentes, como a apneia, e ter extremo cuidado antes de assinar uma receita de Zolpidem para uma queixa que poderia ser tratada de outra forma”, alerta Bannack.

NOVIDADE: CONHEÇA A UNIFLOW

Inaugurada em fevereiro de 2026, a iniciativa vem como um método moderno de **agenciamento da jornada de saúde** do beneficiário Unimed. O novo modelo de negócio foi possível graças a uma parceria entre a área GEAS (Gestão da Atenção à Saúde) e a Compar (Sociedade de Compartilhamento e Participações).

O PROPÓSITO: agenciar a jornada de saúde das pessoas por meio de uma metodologia que envolve perfil de saúde, identificação de níveis de complexidade de saúde, utilização (realizada e esperada) e **personalização do cuidado** com plano terapêutico elaborado por equipe técnica especializada.

COMO ACESSAR: Todo o contato com o cliente é realizado pelo **aplicativo da Unimed**, pelo ícone **Minha Saúde**. Lá o cliente realiza trilhas de saúde que o apoiam no entendimento do que é necessário e adequado para o seu perfil, incluindo registro de parâmetros de saúde (peso, altura, controle glicêmico, medicações, etc.).

O DIFERENCIAL: metodologia refinada que promove, ativamente, o agenciamento do cliente para que a sua utilização seja previsível, evitando desvios e desperdícios na utilização, além de compartilhar com o cliente as responsabilidades por sua própria saúde.

Primeiros resultados em 90 dias de operação:

- 3045 clientes ativos com perfil de saúde analisados
- NPS: 80
- 86% recomendariam o modelo

“A ideia de ‘antecipação’ da utilização, de acordo com a necessidade para seu perfil, contribui em muito para a redução dos custos assistenciais, mas com expressiva qualidade na assistência prestada. Os princípios que norteiam a estratégia e a operação da Uniflow são: agilidade, previsibilidade, segurança e impacto”. (Ariane Gaio da Gerência GEAS)

A JUDICIALIZAÇÃO DE MEDICAMENTOS DE ALTÍSSIMO CUSTO AMEAÇA A SUSTENTABILIDADE DO SUS E DA SAÚDE SUPLEMENTAR

TALISSA MONTEIRO

O QUE VOCÊ VAI LER

A judicialização da saúde no Brasil concentra gastos em poucos medicamentos de altíssimo custo. O fenômeno afeta tanto o SUS quanto a saúde suplementar, pressionando mensalidades e a sustentabilidade do sistema. Muitas decisões judiciais autorizam medicamentos sem comprovação científica robusta, ignorando a avaliação técnica da Conitec e criando riscos para pacientes e orçamento. A solução passa pela adoção rigorosa da Medicina Baseada em Evidências nas decisões judiciais, garantindo que apenas terapias com eficácia comprovada sejam liberadas. Além da integração entre sistemas público e privado, com critérios claros e produção nacional de medicamentos estratégicos, que é essencial para equilibrar direitos individuais com sustentabilidade coletiva.

O fenômeno da judicialização da saúde no Brasil é, hoje, um dos maiores desafios para as gestões pública e privada na última década. Com o objetivo de garantir direitos fundamentais traz também uma pressão financeira sem precedentes sobre o orçamento do Estado e das operadoras de saúde. A busca por tratamentos de última geração, muitas vezes ainda não incorporados aos protocolos oficiais, coloca em xeque a capacidade de planejamento do sistema público e privado exigindo uma análise profunda sobre os limites entre o direito individual e a sustentabilidade coletiva.

Um dos motivos é o fato de a judicialização concentrar gastos em poucos medicamentos. Atualmente, cerca de 70% dos gastos totais com decisões judiciais na saúde são destinados a apenas dez medicamentos específicos. Esse grupo de elite farmacêutica consumiu, em períodos recentes, aproximadamente R\$ 1,8 bilhão dos cofres

públicos. Além disso, a evolução dos preços reflete uma mudança drástica no mercado global de biotecnologia: se há dez anos um medicamento considerado caro custava em torno de R\$ 80 mil, hoje, terapias com o Elevedys, utilizado para o tratamento da distrofia muscular de Duchenne, tem valores que podem oscilar entre R\$ 10 milhões e R\$ 20 milhões por paciente.

O maior dilema, porém, é que o redirecionamento de verbas para atender a demandas judiciais de alto custo gera um desequilíbrio direto em políticas públicas de alcance populacional. O montante de R\$ 1,8 bilhão gasto com apenas dez medicamentos supera o orçamento anual de programas fundamentais para a atenção primária e emergencial. Para se ter ideia, esse valor é superior ao que é investido em iniciativas como o Mais Médicos, o programa de saúde bucal Brasil Sorridente, o sistema nacional de Imunizações e a manutenção do Samu. Essa disparidade evidencia o risco de desassistência em massa para privilegiar tratamentos individuais de altíssimo valor unitário.



Bruno Sobral, diretor-executivo da FenaSaúde, discute os desafios da judicialização na saúde suplementar e aponta caminhos para a sustentabilidade do setor

Eficácia científica e Medicina Baseada em Evidências

Outro ponto central do debate é a eficácia científica dos produtos pleiteados judicialmente. O processo de incorporação de novas tecnologias no SUS passa pelo crivo da Comissão Nacional de Incorporação de Tecnologias (Conitec), que avalia não apenas a eficácia, mas também a segurança e a relação custo-benefício. Muitas vezes, o Judiciário determina o fornecimento de medicamentos que ainda não têm evidências robustas de cura ou que não demonstraram superioridade terapêutica em relação às opções já disponíveis no sistema público, ignorando as etapas técnicas de validação científica.

Por isso, especialistas afirmam que é fundamental ter a Medicina Baseada em Evidências norteando a liberação desses tratamentos. Isso significa que cada medicamento deve passar por testes científicos rigorosos antes de ser aprovado, comprovando que realmente funciona e é seguro.

Quando um remédio de altíssimo custo é liberado sem essas comprovações, o sistema gasta bilhões em tratamentos que podem não trazer benefício real ao paciente. A MBE protege tanto quem precisa do medicamento quanto o orçamento da saúde, garantindo que recursos finitos sejam usados apenas em terapias que realmente salvam vidas. Sem esse rigor científico, decisões judiciais podem autorizar fármacos ineficazes, prejudicando a sustentabilidade do SUS e dos planos de saúde.

Assim, os desafios impostos pela judicialização de medicamentos de alto custo exigem uma resposta coordenada entre os poderes Executivo, Legislativo e Judiciário. A sustentabilidade do sistema de saúde brasileiro, seja ele público ou privado, depende do equilíbrio entre o acesso à inovação e a responsabilidade fiscal. O caminho, segundo especialistas, passa pela integração entre os sistemas público e privado, pela adoção rigorosa da medicina baseada em evidências nas decisões judiciais e pela produção nacional de medicamentos estratégicos. Apenas assim será possível garantir um equilíbrio.

O CRESCIMENTO DA JUDICIALIZAÇÃO NA SAÚDE SUPLEMENTAR

Entrevista com Bruno Sobral, diretor-executivo da FenaSaúde

A judicialização da saúde no Brasil não é um fenômeno isolado do setor público. Na saúde suplementar, o impacto é igualmente significativo, com despesas judiciais que somaram R\$ 19 bilhões entre 2019 e o terceiro trimestre de 2025. O crescimento acelerado dos custos com medicamentos de altíssimo custo, que já representam aproximadamente 10% das despesas operacionais das operadoras, coloca em xeque a sustentabilidade de um sistema que funciona com margens historicamente estreitas.

Para compreender os desafios enfrentados pelo setor privado de saúde e as possíveis soluções, conversamos com **Bruno Sobral**, diretor-executivo da FenaSaúde, que discute desde o impacto atuarial dos fármacos inovadores até a necessidade de integração entre os sistemas público e privado.

1. Por favor, fale sobre os medicamentos de altíssimo custo e como isso afeta o equilíbrio atuarial dos planos de saúde.

O crescimento acelerado dos custos assistenciais com medicamentos já representa aproximadamente 10% do total das despesas operacionais das operadoras de planos de saúde. Quando olhamos para o pipeline da indústria farmacêutica, vemos inovações cada vez mais frequentes para públicos mais nichados e de custos cada vez maiores. Embora esses custos sejam inicialmente arcados pelas operadoras, eles impactam diretamente todo o sistema, refletindo-se nos reajustes e, portanto, sendo compartilhados pelos beneficiários. A saúde suplementar financia hoje grande parte do acesso a terapias de alta complexidade no país, mas o setor esbarra na falta de previsibilidade e na diferença de preços entre as aquisições públicas e privadas.



2. Como você analisa o impacto financeiro da judicialização na sustentabilidade das operadoras e quais são as principais consequências para o setor?

O aumento da judicialização se intensificou a partir de 2022, impulsionado por mudanças que ampliaram o rol de coberturas obrigatórias e criaram uma expectativa de assistência ilimitada sem o devido respaldo técnico. De 2019 ao terceiro trimestre de 2025, as despesas judiciais somaram R\$ 19 bilhões, recursos que poderiam ser aplicados na melhoria do atendimento.

O setor aguarda os efeitos da ADI 7.265, pois ela estabelece critérios claros para a cobertura de itens fora do rol da ANS. A expectativa da FenaSaúde é que sua aplicação traga a previsibilidade necessária para um setor que opera com margens historicamente estreitas.

3. Como equilibrar direitos dos pacientes com a sustentabilidade do sistema?

O desafio central é manter a viabilidade das operadoras diante de custos médico-hospitalares crescentes e da incorporação acelerada de tecnologias. Sob a lógica do mutualismo, o sistema de saúde suplementar deve ser compreendido com base no direito coletivo, e não apenas sob a perspectiva individual. Quando o custo se torna impeditivo devido a decisões que priorizam o indivíduo em detrimento da sustentabilidade do grupo, ele acaba sendo repassado aos beneficiários no reajuste, o que restringe o número de pessoas que conseguem manter um plano de saúde.

4. Como pode ser fortalecida a medicina baseada em evidências nas decisões judiciais sobre cobertura de medicamentos?

O fortalecimento da Medicina Baseada em Evidências é essencial para evitar a prescrição de tratamentos sem eficácia ou efetividade comprovada. Embora a decisão e o risco da prescrição sejam inerentes ao ato médico, é necessário cautela quando determinações de cobertura ocorrem fora das indicações aprovadas ou em desacordo com as Diretrizes de Utilização da ANS, visto que o uso de tecnologias sem evidência sólida pode gerar riscos tanto para a segurança do paciente quanto para o equilíbrio do sistema. A FenaSaúde ressalta que a deferência à ANS e ao caráter técnico do processo de avaliação de tecnologias em saúde permite afirmar que a ADI 7265 veio fortalecer esse movimento.

“ Quando o custo se torna impeditivo devido a decisões que priorizam o indivíduo em detrimento da sustentabilidade do grupo, ele acaba sendo repassado aos beneficiários no reajuste ”

Bruno Sobral

5. Existe a possibilidade de integração entre SUS e saúde suplementar para otimizar recursos e reduzir pressões judiciais?

Já existe uma integração entre os sistemas público e privado de saúde. O setor privado desempenha um papel fundamental no alívio da demanda sobre o SUS. Da mesma forma, é fundamental reconhecer os programas de vacinação e as residências médicas como contribuições estruturantes do Sistema Único de Saúde para o país. Discutir a integração envolve também considerar a interoperabilidade dos sistemas, garantindo um fluxo adequado dos pacientes, a redução do desperdício e a importância da portabilidade de dados para que o paciente possa ser reconhecido e ter seu histórico clínico acessado em qualquer sistema em que esteja. Um sistema integrado de registro, precificação e incorporação de medicamentos pode representar um avanço em torno da sustentabilidade do país e na garantia do acesso dos pacientes à tecnologias inovadoras, seguindo protocolos definidos, compartilhamento de riscos e o monitoramento dos desfechos pós incorporação. Um sistema integrado e alinhado tecnicamente reduz as lacunas que geram judicialização e garante que a assistência chegue de forma justa a milhões de brasileiros.



PARCERIA BRASIL-ÍNDIA PARA PRODUÇÃO DE MEDICAMENTOS

Como estratégia para reduzir a dependência de importações e mitigar os custos da judicialização, o Brasil estabeleceu, em fevereiro deste ano, uma parceria estratégica com a Índia focada na produção nacional de medicamentos de alta complexidade, especialmente para o tratamento do câncer. Essa iniciativa prevê um investimento inicial de R\$ 722 milhões no primeiro ano, com uma projeção de aportes que somam R\$ 10 bilhões ao longo de uma década.

O foco da cooperação é a transferência de tecnologia para a fabricação de fármacos essenciais que hoje representam um grande peso no orçamento da saúde. Entre os medicamentos incluídos no acordo estão o Pertuzumabe (indicado para câncer de mama), o Dasatinibe (utilizado em casos de leucemia) e o Nivolumabe (imunoterápico para diversos tipos de tumores). A produção local visa não apenas a redução de preços, mas também a garantia de abastecimento e o fortalecimento do complexo industrial da saúde brasileiro.



AS MUDANÇAS DE CENÁRIO NO MERCADO DE SAÚDE NO BRASIL E COMO ESTAR PREPARADO

Saúde sob pressão: custos crescentes, regulação intensa e um sistema em transformação. O que operadoras e prestadores precisam fazer agora

TALISSA MONTEIRO

O QUE VOCÊ VAI LER

O sistema de saúde brasileiro representa 9,1% do PIB e atravessa um período de pressões crescentes sobre operadoras e prestadores de serviço. A sinistralidade elevada, os atrasos de pagamento, a judicialização e o encarecimento dos custos assistenciais exigem estratégias cada vez mais sofisticadas de gestão. Ao mesmo tempo, o fortalecimento do SUS e as constantes mudanças regulatórias da ANS redesenham o equilíbrio entre os setores público e privado. Para June Alisson Westarb Cruz, os prestadores precisam investir em governança clínica, conformidade regulatória e inovação operacional para se manterem competitivos.

O sistema de saúde brasileiro vive um momento de transformações: custos crescentes, regulação mais intensa e uma reconfiguração do papel do Estado pressionam operadoras e prestadores de serviço a repensarem suas estratégias. Para entender o que está mudando e o que fazer diante disso, conversamos com **June Alisson Westarb Cruz**, professor do Programa de Mestrado e Doutorado da PUCPR.

O sistema de saúde no Brasil já representa hoje cerca de 9,1% do Produto Interno Bruto (PIB) nacional, uma fatia que, por si só, justifica a atenção de gestores, reguladores e investidores. Mas o que chama mais atenção não é o tamanho do setor, e sim a velocidade das mudanças que o atravessam.

Para June Alisson Westarb Cruz, o setor é “extremamente dinâmico” e passa por “constantes e significativas mudanças”. Isso se reflete tanto na estrutura do Sistema Único de Saúde (SUS) quanto na Saúde Suplementar, que hoje atende cerca de 53 milhões de beneficiários, aproximadamente 25% da população brasileira.

“Juntos, o SUS e a Saúde Suplementar integram um sistema potente de atendimento. No lado do SUS, a crônica insuficiência econômica, mesmo com os investimentos recentes, pressiona os prestadores a níveis que eventualmente prioriza o acesso em detrimento da qualidade da assistência”, explica June Alisson Westarb Cruz.

Para se ter uma ideia, a Variação de Custos Médico-Hospitalares (VCMH) tem sistematicamente superado o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), pressionando toda a cadeia, de operadoras a prestadores. O envelhecimento da população, o peso dos medicamentos de alto custo e a constante incorporação de novas tecnologias são os principais vetores desse descompasso.



June Alisson Westarb Cruz, professor do Mestrado e Doutorado da PUCPR, discute os desafios dos sistemas de saúde no Brasil

Operadoras e prestadores: um sistema sob estresse

Se o SUS enfrenta a tensão histórica entre demanda crescente e orçamento limitado, o segmento privado tampouco está imune. As operadoras de planos de saúde vêm registrando sinistralidade elevada, o que tem levado a uma série de medidas defensivas: aumento de glosas, renegociação de contratos, descredenciamentos e intensificação da verticalização dos serviços.

Para os prestadores, o impacto é sentido diretamente. Atrasos nos pagamentos, necessidade de cumprir decisões judiciais relacionadas a obrigações que nem sempre lhes cabem e uma previsibilidade financeira cada vez mais estreita formam um quadro que exige respostas de gestão cada vez mais sofisticadas. Cruz resume bem essa realidade:

“Operadoras de planos de saúde e prestadores de serviços enfrentam pressões significativas: aumento contínuo dos custos assistenciais, elevada judicialização, exigência de conformidade com normas regulatórias rigorosas e demanda por atendimento ágil e eficiente, tudo isso agravado pela escassez e pelo custo elevado de profissionais qualificados e pela elevação da sinistralidade.”

O executivo ressalta que esse conjunto de fatores torna o setor desafiador em termos de geração de resultados, fluxo de caixa, capacidade de reinvestimento e valorização das equipes, exigindo estratégias cada vez mais integradas de gestão de custos, governança clínica, inovação operacional e mitigação de riscos legais.

Nesse cenário de mudanças, tanto a saúde pública quanto a privada ajudam a diminuir a pressão sobre a outra. Enquanto o SUS precisa das operadoras para desafogar e conseguir oferecer atendimento de qualidade, o avanço dele também ajuda o setor privado a manter sua sustentabilidade:

“A saúde pública, em especial por meio do SUS, desempenha papel fundamental como provedor universal e regulador do sistema de saúde. O SUS atende a população brasileira em sua totalidade e é a fonte exclusiva de assistência para aproximadamente 70% dos cidadãos, além de ser responsável por mais de 90% da vacinação em território nacional. O SUS também funciona como plataforma estratégica para avaliação e negociação de tratamentos e tecnologias, influenciando acessibilidade, equidade e sustentabilidade do conjunto do sistema de saúde”, comenta June Alisson Westarb Cruz.

O peso crescente da jurisprudência

A pressão sobre prestadores e operadoras não vem apenas do mercado. O Judiciário também tem imposto ritmo acelerado de adaptações. A Edição 271 de “Jurisprudência em Teses” do Superior Tribunal de Justiça (STJ) consolidou obrigações relevantes: cobertura de parto de urgência, criopreservação de óvulos associada à quimioterapia, órteses cranianas e terapias multidisciplinares sem limitação de sessões para TEA e Síndrome de Down.

Embora essas decisões sejam dirigidas às operadoras, recaem operacionalmente sobre os prestadores, que precisam executar procedimentos imediatos sem garantia de reembolso imediato. Tramita no Congresso o Projeto de Lei nº 2.583/2020, que estabelece a Estratégia Nacional de Saúde, reforçando exigências de rastreabilidade e governança clínica em toda a cadeia assistencial. A inclusão da atenção humanizada como princípio expresso da Lei Orgânica da Saúde, pela Lei nº 15.126/2025, é mais um vetor que tende a influenciar decisões judiciais relativas à continuidade do cuidado e à qualidade técnica.

O que fazer diante desse cenário?

Diante de tanta turbulência, quais são as saídas? Cruz é direto: os prestadores que sobreviverão e prosperarão em 2026 são aqueles que investirem em visão institucional, gestão integrada e capacidade de antecipação regulatória.

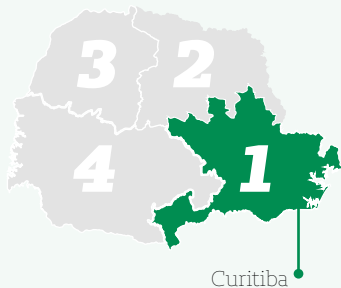
Na prática, isso significa rever modelos de remuneração, fortalecer a governança clínica, aprimorar a documentação assistencial e estruturar processos internos capazes de garantir o cumprimento de ordens judiciais com agilidade. Qualificar as áreas jurídica e regulatória e desenvolver métricas sólidas de desempenho para sustentar negociações cada vez mais complexas com operadoras também figuram como prioridades.

Na Saúde Suplementar, Cruz aponta que as constantes mudanças regulatórias da ANS indicam uma tendência de intensificação nos temas de governança, gestão de riscos e indicadores de desempenho. A redução de atratividade para novos investidores e a diminuição de investimentos em pesquisa e desenvolvimento são sinais de alerta que o setor não pode ignorar.

Estarão mais bem posicionados os prestadores que investirem em governança clínica, conformidade regulatória e gestão integrada de custos. A modernização dos sistemas de saúde, tanto no SUS quanto na Saúde Suplementar, tende a ampliar a qualificação profissional e abrir espaço para quem apostar em inovação e qualidade técnica como pilares de crescimento sustentável.

“Operadoras e prestadores devem priorizar a coordenação do cuidado e o fortalecimento da atenção primária, consolidando a gestão do percurso do paciente. É fundamental aprimorar a governança de dados — com interoperabilidade, análises preditivas e indicadores de desempenho — para suportar decisões clínicas e financeiras, observando práticas de análise de custo efetividade

June Cruz



Rached Hajar Traya

Diretor-presidente da Unimed Curitiba



Inaugurado em março de 2026, no bairro Tarumã, o Novo Complexo Administrativo da Unimed Curitiba simboliza um marco na história da cooperativa

Crescimento e integração

Nova estrutura da Unimed Curitiba reúne inovação, memória, sustentabilidade e qualidade de vida

KARINA KANASHIRO

Em março de 2026, a Unimed Curitiba inaugurou o novo Complexo Administrativo da Singular, localizado no bairro Tarumã, na capital paranaense. Com 30 mil m² de área total e 6 mil m² de área construída, ele foi projetado para abrigar cerca de mil colaboradores, reunidos em ambientes planejados e adaptados às necessidades específicas de cada área.

Mais do que uma nova sede, o complexo foi concebido como um ambiente de integração, aprendizado e bem-estar. A estrutura conta com escritórios modernos, um robusto centro de treinamento, auditório com ampla capacidade, praça de alimentação, espaços voltados à prática de hábitos saudáveis e a Casa da Memória, um museu que resgata e valoriza as quase cinco décadas e meia da história da Unimed Curitiba.

“Em quase 55 anos de história, entregar esse novo Complexo Administrativo é concretizar um planejamento construído no decorrer de muitos anos. Cada etapa foi pensada com responsabilidade e visão de futuro. O nosso complexo vai se transformar num ponto de conexão para fortalecer ainda mais a nossa união com os médicos cooperados e vai reunir, no mesmo lugar, todos aqueles que constroem o nosso Jeito de Cuidar”, afirma o diretor-presidente da Unimed Curitiba, **Rached Hajar Traya**.

Segundo ele, o investimento reflete o compromisso da cooperativa com a sustentabilidade, a qualidade dos serviços e a perenidade do negócio.

“Estamos deixando um legado de cuidado. Investir em estruturas físicas robustas, que suportem nosso crescimento e operação, garante a qualidade de tudo o que entregamos em saúde”, completa.

O complexo é formado por quatro blocos, que integram o novo espaço recém-reformado, a atual sede administrativa do Tarumã, a sede do Instituto Unimed Curitiba e o prédio que anteriormente abrigava a equipe de Infraestrutura Predial. Cada bloco recebeu um nome simbólico, que traduz os valores que orientam a cooperativa: Inovar, Conectar, Cuidar e Evoluir.

“Esses nomes representam os princípios que orientam a Unimed Curitiba e refletem a forma como conduzimos nossa gestão e nossas relações. Cada palavra traduz um compromisso diário com a melhoria contínua”, explica o diretor-presidente.

A inauguração do novo espaço ocorre em um período de forte expansão da Singular. Conforme o Relatório de Sustentabilidade 2025, a Unimed Curitiba alcançou resultados históricos, encerrando o ano com R\$ 4,04 bilhões em faturamento. O desempenho econômico positivo também possibilitou a distribuição de R\$ 61,8 milhões aos médicos cooperados e viabilizou investimentos estratégicos em infraestrutura, inovação e sustentabilidade.

O compromisso com o cooperativismo e com o desenvolvimento da comunidade também se manteve em evidência, com R\$ 1,92 milhão investidos em iniciativas sociais, próprias e de terceiros, alinhadas ao 7º princípio do cooperativismo, com foco na transformação social do entorno.

Mais saúde no dia a dia das empresas

Programa da Unimed Apucarana amplia prevenção e estreita relação com empresas-clientes

KARINA KANASHIRO

Com foco em levar a prevenção para o ambiente de trabalho, o Programa Saúde Corporativa da Unimed Apucarana amplia sua atuação junto às empresas-clientes ao transformar dados de saúde em ações práticas de cuidado e conscientização. A proposta, voltada a contratos empresariais com mais de 30 vidas, utiliza pesquisas para mapear riscos e orientar intervenções personalizadas.

Segundo a enfermeira corporativa **Gabriélla Carneiro**, o Programa se sustenta em pilares que vão da promoção da saúde à gestão de dados e à sustentabilidade dos contratos, atuando também como ponte entre os colaboradores e os demais programas de Atenção à Saúde da cooperativa.

“A prevenção é o que torna o programa estratégico. Sem ela, a saúde corporativa atua apenas de forma reativa, solucionando problemas já instalados. Com uma abordagem preventiva, é possível identificar riscos precocemente”, observa.

Na prática, isso se traduz em ações, como palestras em SIPATs e campanhas internas, com destaque para a saúde mental. De acordo com Gabriélla, essas iniciativas ajudam os colaboradores a reconhecer sinais muitas vezes negligenciados e incentivam a busca por apoio profissional.

“Ao levar informação de forma acessível, contribuímos para reduzir preconceitos e fortalecer uma cultura organizacional mais saudável”, afirma. Ela acrescenta que essa integração permite monitorar continuamente a saúde dos beneficiários, identificar novos pontos de atenção e agir preventivamente, promovendo mais qualidade de vida, maior adesão ao cuidado e melhores resultados para empresas e colaboradores.

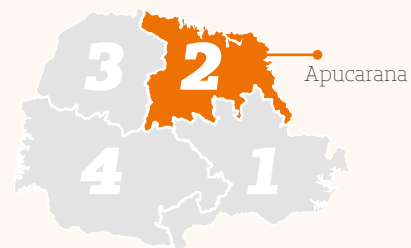
Os resultados já são percebidos no cotidiano das empresas atendidas. A gerente de Mercado da Singular, **Priscila Bastos**, destaca a redução de afastamentos e do absenteísmo relacionado à saúde, além da melhora na qualidade de vida e na produtividade das equipes.

“Investir em saúde corporativa gera benefícios tanto para os colaboradores quanto para os resultados das organizações, e ainda fortalece o vínculo de confiança com a Unimed”, ressalta.

Segundo ela, o programa se tornou um diferencial competitivo ao ir além da assistência tradicional, oferecendo soluções que incluem prevenção, identificação precoce de riscos e acompanhamento estratégico.

“A empresa passa a enxergar a Unimed Apucarana como referência em saúde corporativa, o que facilita tanto a conquista de novos clientes quanto a fidelização dos atuais”, acrescenta.

Para o presidente da Unimed Apucarana, **Ribamar Leonildo Maroneze**, a iniciativa reflete uma mudança de paradigma no setor de saúde suplementar. “Conseguimos chegar ao beneficiário antes da doença, oferecendo a melhor orientação médica e multiprofissional. Esse é o caminho para resultados mais sustentáveis”, afirma.



Ribamar Leonildo Maroneze

O presidente da Unimed Apucarana, Ribamar Leonildo Maroneze, destaca a prevenção como eixo central para a sustentabilidade em saúde



Gabriélla Carneiro

A enfermeira corporativa Gabriélla Carneiro evidencia o papel da prevenção na estratégia de saúde nas empresas.

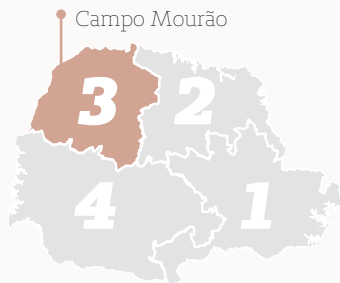


Priscila Bastos

Gerente de mercado da Singular, já mapeou a redução do absenteísmo e avanço no bem-estar dos colaboradores das empresas clientes



Sede da Unimed Apucarana, referência em iniciativas de promoção à saúde corporativa



Saúde ampliada

Unimed Campo Mourão investe em tecnologia e integração para qualificar a assistência médica no centro-oeste do Paraná

KARINA KANASHIRO



Antonio Carlos Cardoso

Diretor-presidente da Unimed
Campo Mourão



Paulo Henrique Colchon

Diretor de Mercado da cooperativa



Hospital Regional Unimed (HRU) reunirá serviços de alta complexidade em um único espaço, com tecnologia e atendimento integrado

A Unimed Campo Mourão inaugura, em julho de 2026, o Hospital Regional Unimed (HRU), ampliando a estrutura de atendimento em saúde no Centro-Oeste do Paraná e atendendo a uma demanda histórica da população da região.

“Campo Mourão se consolida como um polo regional de saúde, atendendo a uma população superior a 300 mil habitantes, distribuída em 25 municípios que compõem a COMCAM (Comunidade dos municípios da Região de Campo Mourão), que há anos aguardava um investimento dessa magnitude”, observa o presidente da cooperativa, **Antonio Carlos Cardoso**.

O gestor explica que o Hospital reunirá, em um único espaço, pronto atendimento 24 horas, UTI adulto, centro cirúrgico, internação clínica e cirúrgica, além de um parque de diagnóstico por imagem de alta tecnologia. Entre os diferenciais, estão equipamentos com inteligência artificial e a ampliação do serviço de oncologia, fortalecendo a capacidade de resposta em casos de maior complexidade.

“Estamos falando da primeira grande estrutura hospitalar privada construída na cidade em aproximadamente 60 anos, um fato histórico que demonstra o compromisso da Unimed Campo Mourão com o desenvolvimento regional e com a qualidade da assistência médica”, destaca.

O diretor de mercado da Singular, **Paulo Henrique Colchon**, ressalta que a infraestrutura do HRU foi meticulosamente planejada para apoiar a excelência médica.

“Para o médico cooperado, o fortalecimento da atuação passa pela segurança e autonomia. Com a integração dos serviços no mesmo local, oferecemos o suporte necessário para a realização de procedimentos de alta complexidade, com a tranquilidade de contar com suporte intensivo e diagnóstico imediato, de última geração, em caso de intercorrências”, avalia.

Segundo ele, o HRU representa um divisor de águas ao permitir a descentralização da alta complexidade e reduzir a necessidade de deslocamentos para grandes centros.

Outro impacto esperado é a atração e retenção de talentos. A oferta de uma infraestrutura moderna e completa contribui para elevar o nível técnico da rede e consolidar Campo Mourão como referência regional em saúde.

“Um hospital moderno atrai novos especialistas para a região, elevando o nível técnico de toda a rede local”, complementa Colchon.

Descrito como uma verdadeira “mudança de chave”, o HRU simboliza a evolução da assistência regional, com foco em qualidade, segurança e humanização.

“O HRU nasce para demonstrar que é possível unir alta tecnologia — como os protocolos de inteligência artificial aplicados aos exames — a um ambiente humano e seguro, transformando a percepção de cuidado dos beneficiários e consolidando o hospital como a principal escolha de médicos e pacientes na região”, conclui.

Monitoramento inteligente

Projeto estruturado pela Unimed Oeste do Paraná promove atuação integrada e baseada em dados para controle do *Aedes aegypti*

KARINA KANASHIRO

Você já ouviu falar em ovitrampas? O dispositivo vem sendo utilizado com sucesso pela Unimed Oeste do Paraná para monitorar a presença do mosquito *Aedes aegypti*, transmissor da dengue, zika e Chikungunya. Consiste numa armadilha para atrair os mosquitos.

A iniciativa começou em Medianeira e ganhou força após a epidemia de dengue em 2024, que mobilizou gestores e instituições na busca por estratégias preventivas mais eficientes. A Singular identificou potencial de ampliação regional e, em 2025, fez a compra de 1.729 kits de ovitrampas, viabilizando a implementação nos 12 municípios de sua área de atuação.

“A iniciativa está totalmente alinhada à estratégia institucional da Unimed Oeste do Paraná de promover o cuidado integral e atuar de forma preventiva sobre os principais agravos à saúde da população”, afirma **Juliane Spanceski**, supervisora do setor de Gestão Estratégica.

Os resultados já aparecem de forma expressiva. Em 2026, municípios, como Céu Azul, Itaipulândia, Missal, Ramilândia e Serranópolis do Iguçu zeraram os casos confirmados de dengue. Outros também apresentaram reduções importantes. Caso de Santa Helena, que passou de 2.360 casos em 2024 para apenas 2 em 2026, e de Medianeira, onde os registros caíram de 3.637 para apenas 1 caso no mesmo período.

As ovitrampas funcionam como ferramentas de monitoramento precoce da presença do *Aedes aegypti*. Na prática, elas permitem identificar áreas com maior circulação do vetor antes mesmo do aumento expressivo de casos da doença. “Com isso, os municípios conseguem direcionar ações de controle de forma muito mais assertiva, concentrando esforços em regiões prioritárias para bloqueios, eliminação de criadouros, visitas domiciliares e campanhas educativas”, destaca.

A implantação regional exigiu um esforço conjunto entre municípios, regionais de Saúde, Secretaria de Estado da Saúde e a cooperativa. Entre os desafios, estiveram questões relacionadas à logística, à capacitação das equipes, à definição de indicadores e à consolidação dos dados para análise regional.

“O projeto mostrou que é possível construir estratégias regionais efetivas quando há cooperação entre instituições públicas e privadas, compartilhamento de responsabilidades e atuação baseada em dados. Outra lição importante é que o enfrentamento da dengue não pode ocorrer apenas em momentos de epidemia”, afirma.

Mais do que fornecer os equipamentos, o projeto prevê acompanhamento contínuo dos indicadores e apoio às equipes locais, garantindo a continuidade das ações. Para a Singular, a iniciativa também reforça sua estratégia de atuação em saúde populacional.

“Nosso objetivo é ir além da assistência, investindo em promoção da saúde e prevenção. A dengue tem impacto direto na qualidade de vida das pessoas e na sustentabilidade do sistema de saúde”, ressalta **Marco Aurélio Farinazzo**, presidente e diretor de Saúde da cooperativa.



Oeste do PR



Juliane Spanceski

especialista em Gestão Estratégica e GRCC



Marco Aurélio Farinazzo

presidente e diretor de Saúde da Unimed Oeste do Paraná



Unimed Oeste do Paraná lidera iniciativa regional de monitoramento do *Aedes aegypti*



Representantes da Unimed Oeste do Paraná realizam a entrega de kits de ovitrampas a municípios da região

Coluna Almanaque

Envie-nos sugestões de jogos, filmes, livros ou textos para o Almanaque da revista Ampla pelo e-mail assessoriaimprensa@unimedpr.coop.br

JOSSÂNIA VELOSO



[SUDOKU] Fácil

9	8			1		4	
7		4	2			5	
		3			9	2	6
1	5	7				6	
	9	6	7		5	2	1
	8		1			7	
	7		9	8	4		
8	3		2	5		6	9
5	4			1			

Fonte: Sudoku.com

Veja a resposta no site:
www.revistaampla.com.br/resposta-sudoku-revista-n81



[LIVRO] Para Ler e Reler

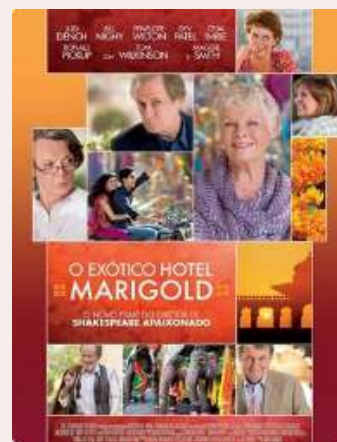
O poder do mito é o fruto de uma série de conversas mantidas entre **Joseph Campbell** e o jornalista **Bill Moyers**, numa combinação de sabedoria e humor. O casamento, os nascimentos virginais, a trajetória do herói, o sacrifício ritual e até os personagens heroicos do filme 'Guerra nas estrelas' são abordados nesta obra. O texto explora como narrativas ancestrais e símbolos mitológicos moldam a experiência humana, a psicologia e a sociedade moderna. O livro aponta como os mitos são "mapas" universais para o autoconhecimento, a espiritualidade e a busca pela felicidade.

FILME /SÉRIE-para ver e rever

O exótico hotel Marigold - Um casal britânico aposentado viaja para a Índia para se estabelecerem no que elas acreditam ser um hotel recentemente restaurado. Menos luxuoso do que o anunciado, no entanto, lentamente o hotel está começando a encantar de formas inesperadas.



Ver mais em **101 filmes que você precisa assistir antes de Morrer.**



ACESSE O SITE DA REVISTA AMPLA

Lembre-se: a Revista Ampla também é digital! Receba em primeira mão as novidades do Sistema Unimed Paranaense e fique por dentro das discussões mais relevantes em saúde participando de **nosso grupo de WhatsApp**. Basta apontar a câmera do seu celular para o QR Code ao lado:



[VÍDEO] Lesões esportivas: prevenção, tratamento e cuidados no pós-operatório

As lesões esportivas estão entre os problemas mais comuns para quem pratica atividade física, seja de forma amadora ou profissional. **Dores no joelho, tornozelo e pé podem surgir por falta de preparo**, movimentos inadequados ou traumas, o que impacta diretamente a qualidade de vida e a continuidade dos treinos.

Apesar de frequentes, muitas dessas lesões podem ser evitadas com orientação adequada e fortalecimento muscular. Identificar precocemente **sintomas, como dor persistente, inchaço ou limitação de movimento** é fundamental para evitar agravamentos e garantir um tratamento mais eficaz.

Para esclarecer o tema, no podcast Saúde Sem Complicação, a jornalista **Lana Martins** recebe o médico ortopedista e traumatologista **Henrique Alexandre de Barros Carvalho**, especialista em cirurgia do joelho e do pé e tornozelo. Durante a conversa, o especialista explica quais são as **lesões mais comuns**, como é feito o diagnóstico, quando a cirurgia é indicada, quais **cuidados ajudam na prevenção e a importância de um pós-operatório bem-feito**.



Confira o episódio completo. Acesse o videocast em <https://www.youtube.com/watch?v=YWxky6GE3cc> Ou aponte a câmera do seu celular para o QR Code ao lado.

ACESSE O SAÚDE DEBATE!



[VÍDEO] IA na saúde: quais os limites e possibilidades?

A inteligência artificial (IA) já está presente nos serviços de saúde, apresentando bons resultados em serviços administrativos e também no diagnóstico por imagens. À medida que ela se desenvolve, são necessários ações e estudos que delimitem o seu campo de atuação. Para Luís Gustavo Kiatake, representante da Sociedade Brasileira de Informática em Saúde no COPISS-ANS e São Paulo (SP), todos os avanços precisam ser acompanhados e estudados por todas as áreas profissionais envolvidas na assistência à saúde. E que os interesses do paciente devem sempre vir em primeiro lugar.

Confira o episódio completo. Acesse o vídeo em: <https://www.youtube.com/watch?v=ki5azPtE4bQ&t=8s>. Ou aponte a câmera do seu celular para o QR Code ao lado.



Para ver essa notícia e outras informações sobre assistência, gestão, inovação, políticas e funcionamento do setor da saúde, acesse o site do Saúde Debate em www.saudedebate.com.br ou aponte a câmera do seu celular para o QR Code ao lado.

QUANDO A EXPERIÊNCIA DO CLIENTE SE TRANSFORMA EM CULTURA DE CUIDADO



Dr. Durval Francisco dos Santos Filho
Diretor de Mercado e Intercâmbio
da Unimed Paraná

Nos últimos anos, poucas expressões ganharam tanta força no ambiente corporativo quanto “experiência do cliente”. Em apresentações estratégicas, fóruns institucionais e discursos de liderança, tornou-se quase obrigatório afirmar que o cliente está no centro das decisões. No entanto, existe uma diferença importante entre criar estruturas voltadas à experiência e, de fato, transformar a cultura organizacional.

No fim de 2025, a Unimed Paraná inaugurou um Escritório de Experiência do Cliente, apresentado como uma ponte entre a complexidade do sistema de saúde e a necessidade humana de cuidado. A proposta é promissora: promover jornadas pautadas por segurança, empatia, clareza e agilidade. Recentemente, realizamos um fórum estadual reunindo representantes de diversas Singulares para discutir integração, centralização de atendimentos, automação de processos, CRM, resoluções normativas e ferramentas digitais voltadas ao relacionamento com o cliente.

No sistema de saúde (seja público ou suplementar), em que a complexidade é a marca principal, iniciativas como essa, voltada à melhoria da jornada do usuário, merece atenção. O desafio está em fazer com que o conceito ultrapasse o discurso institucional e se torne prática cotidiana. Isso tanto para quem é atendido quanto para quem trabalha dentro das organizações.

Durante o fórum, um dos palestrantes convidados, a jornalista **Caroline Fagundes**, destacou a importância desse tipo de movimento corporativo: a percepção crescente de que experiência do cliente e experiência do colaborador caminham juntas. Não existe atendimento humanizado sem ambientes internos saudáveis, integração entre equipes e valorização das pessoas que sustentam a operação diariamente.

E talvez exista uma camada ainda mais profunda nessa conversa: a presença humana. Em um tempo marcado por excesso de estímulos, produtividade constante e relações aceleradas, pessoas verdadeiramente disponíveis se tornaram raras. Disponíveis para ouvir sem interromper. Para explicar sem pressa. Para acolher sem automatizar emoções. Em muitos casos, o que transforma uma experiência não é apenas a solução técnica de um problema, mas a sensação de ter sido visto, compreendido e respeitado.

A própria programação do fórum reforçou isso ao incluir reflexões sobre cuidado humano, relações de trabalho e a necessidade de facilitar experiências no cotidiano. Talvez esse seja um dos sinais mais relevantes da maturidade organizacional contemporânea: compreender que processos eficientes precisam coexistir com vínculos humanos genuínos.

Também chama atenção como o conceito de experiência do cliente vem sendo associado à tecnologia. Automação, aplicativos, assistentes virtuais e centralização de dados são apresentados como caminhos para ampliar acesso e eficiência. E, de fato, essas ferramentas têm potencial para tornar jornadas mais simples, rápidas e organizadas. Entretanto, o grande diferencial continua sendo humano. Nenhum sistema substitui completamente a escuta, a empatia e a clareza em momentos de vulnerabilidade.

Na área da saúde, isso se torna ainda mais evidente. Pessoas não procuram atendimento apenas em busca de soluções técnicas; procuram acolhimento, segurança e confiança. E confiança nasce da presença. Nasce quando alguém sente que não está sendo tratado apenas como número, protocolo ou estatística operacional.

Por isso, iniciativas que buscam integrar tecnologia, gestão e cuidado humano apontam para uma tendência relevante: a construção de modelos mais equilibrados entre eficiência operacional e sensibilidade nas relações. Mais do que acelerar processos, talvez o verdadeiro avanço esteja em recuperar algo que nunca deveria ter sido perdido: a capacidade de estar genuinamente presente nas interações humanas.

Outro aspecto interessante é a valorização crescente do conceito de cuidado dentro das organizações. Quando esse valor deixa de ser apenas linguagem institucional e passa a orientar decisões, treinamentos e relações internas, ele fortalece não apenas a experiência do cliente, mas também a cultura organizacional como um todo.

Isso não significa que a transformação aconteça de forma imediata. Construir uma cultura voltada à experiência exige tempo, coerência e continuidade. Fóruns, escritórios especializados e espaços de troca são apenas o começo de um processo mais amplo, que depende da capacidade das instituições de ouvir, adaptar e evoluir constantemente.

Talvez a principal mudança dos últimos anos esteja justamente nessa compreensão: experiência do cliente não é mais apenas um diferencial competitivo. Está se tornando uma forma de pensar relações, atendimento e cuidado em organizações que desejam construir conexões mais humanas, sustentáveis e significativas. Porque, no fim, as pessoas talvez não se lembrem de todos os processos ou ferramentas utilizadas: mas dificilmente esquecerem como foram feitas sentir.



Busque **atendimento
personalizado**

DESCUBRA A EXCELÊNCIA

Descubra as vantagens da Sisprime do Brasil.

Além do **atendimento de excelência** que você precisa, conte com a **exclusividade** que você merece e a **solidez** que gera resultado.

Escolha a **maior cooperativa de crédito independente do país.**

Venha cooperar conosco

sisprimedobrasil.com.br

sisprime
cooperativa de crédito

Uniprime Previ

Sua previdência complementar
com gestão estratégica, benefícios
fiscais e proteção familiar

- ✓ Renda mensal programada
- ✓ Renda por invalidez
- ✓ Benefício temporário
- ✓ Proteção aos beneficiários



Fale com seu gerente e
comece a investir no seu futuro
com autonomia e segurança.



Uniprime
cooperativa de crédito